

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

PEDRO VÍTOR VIEIRA RODRIGUES

EVENTO ESPORTIVO É LUGAR PARA MANIFESTAÇÃO POLÍTICA:
UMA ANÁLISE SOBRE O TEXTO DO TIAGO LEIFERT COM BASE EM
EXEMPLOS HISTÓRICOS E NA NOVA RETÓRICA DE CHAIM PERELMAN

UBERLÂNDIA, MG

2019

PEDRO VÍTOR VIEIRA RODRIGUES

**EVENTO ESPORTIVO É LUGAR PARA MANIFESTAÇÃO POLÍTICA:
UMA ANÁLISE SOBRE O TEXTO DO TIAGO LEIFERT COM BASE EM
EXEMPLOS HISTÓRICOS E NA NOVA RETÓRICA DE CHAIM PERELMAN**

Monografia apresentada na disciplina de Pesquisa em Comunicação II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Raquel Timponi Pereira Rodrigues

UBERLÂNDIA, MG

2019

PEDRO VÍTOR VIEIRA RODRIGUES

EVENTO ESPORTIVO É LUGAR PARA MANIFESTAÇÃO POLÍTICA:
UMA ANÁLISE SOBRE O TEXTO DO TIAGO LEIFERT COM BASE EM
EXEMPLOS HISTÓRICOS E NA NOVA RETÓRICA DE CHAIM PERELMAN

Monografia apresentada na disciplina de
Pesquisa em Comunicação II do curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Adriana Cristina Omena dos Santos
Professora da disciplina

Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo
Examinador

Me. Cíntia Aparecida de Sousa
Examinadora

Uberlândia, 09 de dezembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Nunca foi fácil, mas a sensação de dizer “eu consegui” é indescritível. Agradeço a Deus por ter me dado forças para continuar, aos meus pais, Orlando e Cleiner, pelo apoio de sempre, e a minha família e aos meus amigos que me ajudaram a ter uma caminhada menos árdua durante o TCC.

Foi muito bom estar na UFU, ter a oportunidade de fazer viagens inesquecíveis e conhecer pessoas incríveis que quero ter sempre por perto. Em especial, gostaria de citar o nome do Richard, do Juliano, da Melissa e da Raphaela que estiveram comigo desde o início e fizeram a minha graduação ser ainda melhor. Agradeço à Mariana pela parceria e por ter me ajudado na formatação deste trabalho, assim como também fizeram meus amigos Rafael Ferreira e Jhonatan.

Conheci ótimos professores que me ensinaram bastante. Aproveito para agradecer, principalmente, aos que estiveram presentes comigo nesta reta final de curso. Obrigado, Adriana Omena, por se preocupar com a saúde mental dos alunos durante o TCC; obrigado, Raquel, por ser minha orientadora em Uberlândia e me auxiliar quando precisei e muito obrigado, Rafael Venâncio, por mesmo estando em São Paulo, conseguir me ajudar a fazer com que uma ideia se transformasse em uma monografia.

Depois do dia 9 de dezembro de 2019, um novo ciclo começará em minha vida e, sinceramente, prefiro não me preocupar como será. Por fim, se algum estudante estiver lendo este trabalho um dia para auxiliar a fazer o seu, saiba que você é capaz e também irá conseguir. Siga em frente, Deus tem um propósito para todos nós!

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista.
É necessário ser antirracista”

Angela Davis

RODRIGUES, Pedro Vítor Vieira. **Evento esportivo é lugar para manifestação política**: uma análise sobre o texto do Tiago Leifert com base em exemplos históricos e na Nova Retórica de Chaim Perelman. 2019. 78 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RESUMO

A monografia a seguir apresenta uma análise sobre o texto “Evento esportivo não é lugar de manifestação política”, do Tiago Leifert. Para tal, foi escolhida a Nova Retórica, de Chaim Perelman, a fim de explorar os argumentos utilizados pelo jornalista, e foi realizada uma pesquisa com exemplos históricos em que esporte e política se relacionaram. Ao longo da parte teórica, foi detalhado o percurso metodológico, a Nova Retórica, a história do esporte e sua relação com a política, o jornalismo esportivo e a trajetória do Tiago Leifert na televisão. Desta forma, os contra-argumentos encontrados pelo autor deste trabalho contradizem à opinião do Leifert e ressaltam que evento esportivo é lugar para manifestação política.

Palavras-chave: Esporte; Política; Leifert; Nova Retórica; Perelman.

RODRIGUES, Pedro Vítor Vieira. **Evento esportivo é lugar para manifestação política**: uma análise sobre o texto do Tiago Leifert com base em exemplos históricos e na Nova Retórica de Chaim Perelman. 2019. 78 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of Tiago Leifert's text "Evento esportivo não é lugar de manifestação política". For this purpose, we chose Chaim Perelman's New Rhetoric to explore the arguments used by the journalist, and we conducted a survey with historical examples in which sport and politics were related. Throughout the theoretical part, we detailed the methodological course, the New Rhetoric, the history of sport and its relationship with politics, sports journalism and also Tiago Leifert's trajectory on television. Thus, the counterarguments we found contradict Leifert's opinion and point out that a sporting event actually is a place for political manifestation.

Keywords: Sport; Politic; Leifert; New Rhetoric; Perelman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Kaepernick, ao centro, teve seu gesto repetido por outros jogadores.....	45
Figura 2 - Megan Rapinoe fica em silêncio durante a execução do hino	46
Figura 3 - Paulo André usou um agasalho para não exibir a camiseta	49
Figura 4 - Roger Machado, à esquerda, e Marcão se cumprimentam antes do início da partida	51
Figura 5 - Bedoya pede medidas contra a violência armada	55
Figura 6 - Faixa aberta na torcida Gaviões da Fiel	57
Figura 7 - Sócrates com o uniforme do Corinthians “Dia 15 vote”	58
Figura 8 - Reinaldo durante a comemoração de um gol	59
Figura 9 - Taison repetindo o gesto dos Panteras Negras	61
Figura 10 - Mandela entregando o troféu para Piennar	63
Figura 11 - LeBron James com a camiseta em protesto pela morte de um negro por um policial	64

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PERCURSO METODOLÓGICO	13
3. NOVA RETÓRICA DE CHAIM PERELMAN	18
4. A HISTÓRIA DO ESPORTE E A SUA RELAÇÃO COM A POLÍTICA.....	31
5. JORNALISMO ESPORTIVO E A TRAJETÓRIA DO TIAGO LEIFERT NA TELEVISÃO.....	37
6. ANÁLISE	44
6.1. EXEMPLOS HISTÓRICOS	56
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	68

1. INTRODUÇÃO

Futebol, política e religião não se discutem. O ditado popular é um dos principais argumentos para quem deseja fugir de assuntos polêmicos e manter a paz nas reuniões com os amigos e com a família. De fato, cada um possui um time de coração, um governante preferido e uma fé a seguir. Mas por que não debater esses assuntos?

No dia 26 de fevereiro de 2018, o jornalista Tiago Leifert publicou o artigo “Evento esportivo não é lugar de manifestação política”¹ na coluna do GQ Brasil², da Rede Globo. Durante o texto, ele deixou evidente a opinião dele ao dizer que “quando política e esporte se misturam dá ruim”.

Para comprovar o seu ponto de vista, Leifert escreveu que assistir esportes é um “desligamento da realidade” e que não acha justo um atleta “levar adiante causas pessoais”. O jornalista deu o exemplo do jogador da NFL, Liga de Futebol Americano dos Estados Unidos, Colin Kaepernick. Em 2016, antes do início das partidas, o esportista ficava ajoelhado na lateral do campo durante a execução do hino nacional como uma forma de protesto contra a injustiça racial no seu país.

A atitude do atleta gerou controvérsias. Muitas pessoas acharam falta de respeito com a bandeira dos Estados Unidos; outros já concordaram com Kaepernick e alguns atletas chegaram a repetir o gesto. Porém, ele começou a receber menos oportunidades no seu time, o San Francisco 49ers, e acabou deixando a equipe. Desde então, não conseguiu mais emprego na NFL.

No artigo, Tiago Leifert ressalta que nenhum time quis um “troublemaker” no elenco, isto é, um causador de problemas. O jornalista diz que as câmeras e os microfones só estão apontados para os atletas devido aos times que atuam e as suas performances esportivas. O local para se expressar deveria ser nas redes sociais e não em campo.

A partir do texto citado, surgiu a minha vontade em fazer uma pesquisa sobre a relação entre esporte e política para assim encontrar contra-argumentos que reforçam ou contradizem o que foi escrito pelo Tiago Leifert. Percebi que era necessário fazer uma análise sobre o artigo de opinião, trazendo para o centro da discussão questões políticas, raciais, de gênero e de classe em um ambiente onde envolve muita repercussão, afinal os eventos esportivos atingem as massas.

¹ O artigo de opinião se encontra disponível na página 13 desta monografia.

² É descrito como um guia de moda e estilo, cultura e estilo de vida. Disponível em: <https://gq.globo.com/>. Acesso em: 20 nov. 2019

Para isso, foram elencados alguns exemplos sobre a relação entre esporte e política ao longo do tempo e, para auxiliar na identificação das características e das técnicas argumentativas utilizadas pelo Tiago Leifert em seu texto, o autor desta monografia recorreu a Nova Retórica de Chaim Perelman. A teoria será mais detalhada nos próximos capítulos, mas foi escolhida como uma ferramenta para a descrição do discurso e do encadeamento de ideias usadas na publicação. O jornalista apresentou argumentos para confirmar a sua tese, tentando convencer os leitores sobre tal ponto de vista.

Uma das principais motivações que deu início a toda esta investigação foi justamente o fato de existirem vários casos na história em que o esporte e a política se relacionaram. Por exemplo: Nazario (2012) relembra que durante o período do Nazismo, na Alemanha, houve a Olimpíada de Berlim, em 1936. Adolf Hitler afirmava que os brancos arianos eram superiores às outras raças. Porém, o americano negro, Jesse Owens, provou que isso era algo inexistente subindo quatro vezes no lugar mais alto do pódio e não olhando para a tribuna do ditador alemão.

Tubino (2010) escreve que, em 1968, nos jogos olímpicos do México, Tommie Smith e John Carlos, também americanos negros, ocuparam a primeira e terceira colocação, respectivamente, na prova dos 200 metros rasos de atletismo. Durante a execução do hino nacional, os atletas abaixaram a cabeça e ergueram o punho, usando luvas pretas em saudação aos “Panteras Negras”, organização criada com o objetivo de enfrentar a opressão policial em bairros negros dos Estados Unidos.

Esse foi apenas um breve resgate com casos de atletas que só tiveram visibilidade por causa das vitórias em grandes competições. Sendo assim, negar a importância destes feitos e de tantos outros seria como apagar boa parte da história esportiva, esquecendo das pessoas que lutaram por mudanças coletivas.

Academicamente, este estudo permite que professores e pesquisadores de outras áreas tenham uma visão diferente dos esportes, não se restringindo apenas aos campos, quadras e pistas. Além do mais, o texto do Tiago Leifert que deu origem à investigação é recente, ainda não existindo pesquisas aprofundadas sobre o tema que tragam teorias e outros exemplos.

Após este primeiro capítulo introdutório, o segundo foi reservado para colocar o artigo “Evento esportivo não é lugar de manifestação política” na íntegra para que todas as pessoas tenham acesso ao corpus do trabalho logo no início da monografia. O percurso metodológico também começa a ser traçado, utilizando, principalmente, os conceitos de Antonio Carlos Gil.

O capítulo citado deixa uma brecha para que no terceiro seja detalhada a Nova

Retórica. Foi traçada uma linha cronológica desde a Grécia antiga, com a retórica dos sofistas e de Aristóteles, até as pesquisas de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, que resultaram em dois livros: “Retórica e Filosofia”, em 1952, e “Tratado da Argumentação: a nova retórica”, de 1958.

O quarto capítulo traz uma contextualização sobre a origem do esporte, a evolução ao passar dos anos e a sua relação com a política. Muitos eventos esportivos foram utilizados, pelos regimes políticos vigentes, como uma forma de divulgar propagandas ideológicas e demonstrar algum tipo de superioridade.

Já o quinto capítulo é um apanhado sobre o jornalismo esportivo, desde a origem até a sua profissionalização, destacando as primeiras transmissões e a principal característica da área: a emoção que desperta no público. Ainda neste momento, é apresentada um pouco mais da trajetória profissional do Tiago Leifert, falando da sua importância para dar irreverência ao Globo Esporte de São Paulo até a sua transição para programas de entretenimento.

O sexto capítulo é destinado para a análise. Depois de todo o conteúdo exposto, chegou o momento de pegar o texto e examiná-lo em partes, descrevendo quais são as ideias do Tiago Leifert e quais argumentos foram utilizados por ele no texto. Com isso, também se torna importante elencar contra-argumentos à tese do jornalista, utilizando da Nova Retórica e de exemplos históricos em que esporte e política se misturaram.

No sétimo capítulo, após toda a pesquisa e análise, a última parte da monografia contém as considerações finais do trabalho. Neste momento foram retomados alguns pontos e mostrados os resultados obtidos, além das principais dificuldades no percurso para fazer esta monografia e os possíveis temas futuros de pesquisa.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

“Evento esportivo não é lugar de manifestação política”³. O título do artigo, escrito pelo Tiago Leifert, já deixa claro o seu ponto de vista sobre o assunto. Entretanto, é importante colocar o texto na íntegra, logo no início do trabalho, para que os leitores possam ter acesso ao que foi publicado e assim formem uma própria opinião sobre o assunto.

Evento esportivo não é lugar de manifestação política

Um evento como um jogo de futebol serve a manifestações políticas? Eu acho que não

Eu não gosto da obrigação de tocar o Hino Nacional antes de eventos esportivos. Na Copa São Paulo de Futebol Júnior, no mês passado, os caras tocavam o hino inteiro antes do jogo. Tipo cinco minutos de música. Não vejo necessidade, não acho que patriotismo funciona enfiando um hino goela abaixo de torcedores. Me incomoda também saber que o hino é uma lei estadual, uma interferência da Assembleia Legislativa no rito esportivo.

Quando política e esporte se misturam dá ruim. Vou poupá-los dos detalhes, mas basta olhar nossos últimos grandes eventos para entender que essas duas substâncias não devem ser consumidas ao mesmo tempo. O que me leva à minha primeira grande preocupação de 2018: é ano eleitoral.

Nos Estados Unidos, Colin Kaepernick, jogador da NFL, a liga de futebol americano, resolveu se ajoelhar durante o hino americano para protestar contra a forma como a polícia trata os negros. Trump ficou pistola, os torcedores conservadores também, considerando um desrespeito ao hino. Independentemente do que você, leitor, ache, Kaepernick está desempregado. Nenhum time quis esse “troublemaker” no elenco. Como eu estava dizendo, quando esporte e política se misturam...

Será que o evento esportivo é um local apropriado para manifestações políticas? Eu acho que não. Olhando por todos os lados, não vejo motivos para politizar o esporte.

Do ponto de vista do atleta: ele veste uma camisa que não é dele (que, aliás, ele largará por um salário melhor), uma camisa que representa torcedores que caem por todo o espectro político. A câmera e o microfone só estão apontados para aquele jogador por causa da camisa que ele está vestindo e de sua performance esportiva.

Não acho justo ele hackear esse momento, pelo qual está sendo pago, para levar adiante causas pessoais. É para isso que existe a rede social: ali, o jogador faz o que quiser. No campo? Ele está para entreter e representar até mesmo os torcedores que votam e pensam diferente.

³ O texto está disponível no link: <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>. Acesso em: 5 abr. 2019.

Acho também que temos de respeitar os espaços destinados à diversão, senão nosso mundo vai ficar ainda mais maluco. Imagine só: você chega em casa cansado, abre uma garrafa de vinho e ela grita “Fora, Temer!”. O catupiry da pizza veio em forma de letras “Lula preso amanhã”, e ainda usaram uma calabresa para fazer a letra O. A gente precisa respirar. Você liga no basquete, no vôlei, no futebol para ter umas duas horas de paixão, suspense, humor.

Do mesmo jeito que você escolhe uma série no Netflix ou assiste a uma novela. É um desligamento da realidade; nosso cérebro precisa dessa quase meditação para aguentar o dia seguinte. E aí você senta para ver um jogo e esfregam um hino na sua cara, como se aqui fosse uma “república popular”, e seu jogador favorito resolve lacrar na hora de comemorar o gol do título do seu time. É justo? Não.

Tem muita coisa contaminada por aí. Precisamos imunizar o pouco espaço que ainda temos de diversão. Textão é no Facebook. Deixem o esporte em paz (LEIFERT, 2018, online).

No capítulo referente à “Análise”, o autor desta monografia dissecou e analisou os argumentos utilizados pelo Tiago Leifert no texto citado sob a óptica da Nova Retórica, de Chaim Perelman, elencando também contra-argumentos à tese do jornalista. Para tal, foi necessária uma pesquisa, que, pela definição de Gil (2002, p. 17), é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Gil (2002) completa dizendo que a investigação é necessária quando as informações que se tem não são suficientes ou estão bagunçadas, sendo preciso utilizar métodos, técnicas e outros recursos científicos para encontrar as respostas.

Fonseca (2002) é citado por Gerhardt e Silveira (2009) para descrever que *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa e investigação. Com isso, metodologia é definida como o estudo do caminho a ser trilhado para realizar a pesquisa. Gerhardt e Silveira (2009) apontam que a metodologia engloba a descrição dos procedimentos (métodos e técnicas utilizadas) e a teoria escolhida para abordar o corpus do trabalho.

Portanto, a partir de agora será traçado o percurso metodológico usado para desenvolver esta monografia. Para que possa ser feita a investigação, foi utilizada a pesquisa exploratória, pois a mesma “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Isso porque, de acordo com Gil (2008), os temas escolhidos são pouco abordados e, desta forma, torna-se mais difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Mattar (2014) descreve a importância das pesquisas exploratórias:

Esse tipo de pesquisa é particularmente útil quando se tem uma noção muito vaga do problema de pesquisa. Será preciso conhecer de maneira mais

profunda o assunto para se estabelecer melhor o problema de pesquisa por meio da elaboração de questões e do desenvolvimento ou criação de hipóteses explicativas para os fatos e os fenômenos a serem estudados. Nos primeiros estágios da pesquisa, o pesquisador não tem conhecimento suficiente para formular questões e (ou) hipóteses específicas (uma hipótese é uma afirmação que especifica como duas variáveis devem estar relacionadas) (MATTAR, 2014, p. 44).

Gil (2008) cita Selltitz (1967) para dizer que, na maioria das pesquisas exploratórias, também é realizado um levantamento bibliográfico. Segundo Marconi e Lakatos (2007), o mesmo aborda tudo o que já foi tornado público sobre determinado tema, desde publicações avulsas, boletins, livros, monografias, teses, gravações e vídeos. Dessa forma, “a ‘revisão bibliográfica’ ou ‘revisão de literatura’ consiste numa espécie de ‘varredura’ do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não ‘reinvente a roda’”. (MACEDO, 1995, p. 13)

De acordo com Gil (2008), o principal benefício deste método é permitir que o escritor tenha acesso a uma variedade de fenômenos mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Segundo o autor, esta vantagem é ainda mais importante quando as informações estão espalhadas e é algo indispensável nos estudos históricos. Gil (2002) destaca as etapas para o processo da pesquisa bibliográfica: definição do tema, levantamento preliminar, elaboração do problema, produção do plano provisório de assunto, procura pelas fontes, leitura do material, fichamento, organização do assunto e, por fim, a redação do texto.

Gil (2008) cita Selltitz (1967) para destacar que, além do levantamento bibliográfico, na maioria das pesquisas exploratórias também é necessária fazer uma análise de exemplos que estimulem a compreensão. A colocação feita auxilia na definição dos processos metodológicos para alcançar um dos objetivos específicos desta monografia, já que é importante relembrar casos na história em que o esporte e a política se misturaram como contra-argumentos à tese do Tiago Leifert,

Como um artigo de opinião está no centro da discussão, é importante utilizar o estudo de caso na pesquisa, até porque, de acordo com Ventura (2007), o mesmo possui grande utilidade nas pesquisas exploratórias. Ainda de acordo com a autora, por ter muita flexibilidade, esse tipo de estudo permite que o pesquisador faça uma análise sobre algum aspecto do problema de forma aprofundada em um curto período de tempo. Esse método gira em torno de algumas questões que se referem ao como e ao porquê da investigação, sendo necessário o uso de experimentos e pesquisas históricas.

Gil (2002) aponta algumas utilidades que fazem com que o estudo de caso seja frequentemente aplicado pelos pesquisadores:

Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; formular hipóteses ou desenvolver teorias e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2002, p. 54).

Gil (2008) cita Yin (1981) para ressaltar as limitações quanto ao estudo de caso. O autor aponta que faltam procedimentos metodológicos rígidos, a análise de um ou vários casos pode fornecer uma base frágil para a generalização e que o tempo destinado a pesquisa pode resultar em conclusões pouco consistentes.

A análise aplicada também é qualitativa, normalmente utilizada em estudos de caso, como também usada em pesquisas de campo, pesquisa-ação ou pesquisa participante, como descreve Gil (2008). O mesmo autor aponta que não há fórmulas ou receitas prontas para auxiliar, tudo depende da capacidade e do estilo do pesquisador. A definição de pesquisa qualitativa de Maanen (1979) é citada por Neves (1996):

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, apud NEVES, 1996, p. 1).

Gil (2008) cita Tesch (1990) para traçar alguns princípios e práticas que orientam a pesquisa qualitativa. Dentre estes, é destacado que a análise se inicia no momento da própria coleta; o processo é sistemático e compreensivo; os dados são segmentados, mas com uma conexão com o todo; a principal ferramenta intelectual é a comparação; a metodologia do pesquisador define como será feita a análise; os procedimentos não são científicos nem mecanicistas e o resultado é um aglomerado de informações em mais alto nível.

Outro processo utilizado na pesquisa é o dedutivo, pois “é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica” (GIL, 2008, p. 9). O mesmo autor complementa que o modelo principal deste tipo de raciocínio é o silogismo, onde a partir de duas preposições (premissas),

tem origem a uma terceira, logicamente implicadas, chamada conclusão.

Na Teoria da Argumentação na Língua, proposta por Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot, esse encadeamento de proposições é definido como argumentação linguística, de acordo com Ducrot (2009): “(...) A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo *donc* (portanto), *alors* (então), *par consequente* (consequentemente). Chamarei A o argumento, e C a conclusão” (Ducrot, 2009, p. 21). Azevedo e Mileski (2011) descrevem que as próprias palavras e enunciados fornecem um sentido argumentativo ao discurso.

As autoras citadas acima utilizam um exemplo de Ducrot (2009) para facilitar o entendimento:

[...] ‘tu diriges depressa demais, tu corres o risco de sofrer um acidente’, dado pelo autor, depressa demais e acidente possuem uma relação semântica atualizada pelo discurso, diferente da relação possível entre, por exemplo, depressa demais e multa. Como afirma Ducrot, ‘o próprio conteúdo do argumento só pode ser compreendido pelo fato de que conduz à conclusão’ (AZEVEDO; MILESKEI, 2011, p. 22).

Ducrot (2009) difere a argumentação linguística da retórica pelo fato de que a segunda tem como objetivo fazer com que alguém acredite em algo. Azevedo e Mileski (2011) citam que Ducrot descreve a retórica como a utilização de outras técnicas, como a boa imagem do locutor e a vontade do ouvinte em acreditar no que está sendo dito, para assim obter sucesso na argumentação. Com isso, torna-se importante, no capítulo a seguir, voltar a origem da retórica para compreender como foi o seu início, chegando até a sua nova concepção com Chaim Perelman.

3. NOVA RETÓRICA DE CHAIM PERELMAN

Conforme descreve Navarro (2011), a retórica teve a sua origem por volta de 465 a.C. na antiga Grécia. O termo *retoriké*, como aponta Fidalgo (2008), é uma relação entre *retor* (orador) e *retoreia* (discurso público, eloquência), englobando tanto a arte oratória quanto a sua disciplina. Citelli (2002) destaca que haviam matérias, nas escolas gregas da época, que ensinavam métodos como a eloquência, a gramática e a retórica para os alunos terem o domínio da palavra, demonstrando a preocupação com o discurso. Era necessário falar de uma forma convincente e elegante.

Navarro (2011) destaca que a origem da retórica está ligada ao discurso judiciário com a publicação da obra Arte Retórica (*Tekhné Rhetoriké*) por Córax e Tísis. Numa época que ainda não haviam advogados, os autores escreveram uma coletânea com preceitos práticos para quem tinha problema na justiça.

Além de Córax e Tísis, Górgias e Protágoras, todos sofistas, são os principais responsáveis pelo desenvolvimento da retórica, como ressalta Navarro (2011). Ainda de acordo com a autora, a argumentação deles era baseada no verossímil (*eikos*) e não na verdade em si, confrontando opiniões e argumentos contrários a fim de vencer um debate.

Navarro (2011) aponta que Platão negou a cientificidade da retórica sofista, ressaltando que a prática é apenas uma busca pelo convencimento dos demais. Kerferd (2003) escreveu, na contracapa do seu livro, que o termo sofista, cujo significado é “sábio” e “especialista do saber”, acabou se tornando algo negativo justamente após as fortes críticas de Platão. A prática foi desvalorizada e os seus representantes foram considerados charlatões intelectuais.

Rezende (2010) ressalta que as críticas de Hobbes e Descartes, no século XVI, também contribuíram para que a retórica permanecesse desvalorizada. Os filósofos destacavam que era necessário chegar a uma certeza para se ter uma forma legítima de conhecimento e não a dúvida, como, para eles, acontecia na retórica. Até por isso, a matemática se tornou o modelo a ser seguido.

Segundo Rezende (2010), atualmente ainda determinados discursos ou argumentos retóricos possuem uma conotação negativa, sendo vista, muitas vezes, como a arte do convencimento a qualquer custo. Em contrapartida, a retórica também possui uma concepção positiva graças a Aristóteles e a arte da persuasão. Com regras próprias e elementos éticos, o filósofo combateu a crítica de Platão e enxergou a retórica como uma forma de conhecer os casos de premissas duvidosas.

Coube a Aristóteles sistematizar o estudo sobre a retórica, procurando as formas adequadas para persuadir, como escreve Navarro (2011). Citelli (2002) aponta que o filósofo redigiu o livro “Arte retórica” que ainda continua, nos dias atuais, como uma obra clássica sobre o tema, onde contém visões diferentes sobre o assunto e um guia de como fazer textos persuasivos.

Rezende (2010) destaca que apenas a partir do fim do século XIX a retórica começou a ser resgatada no meio científico. O seu ponto máximo foi em meados do século XX justamente com Chaim Perelman e a Nova Retórica, teoria escolhida pelo autor desta monografia para auxiliar na identificação das características e das técnicas argumentativas utilizadas pelo Tiago Leifert em seu texto.

Alves (2009) faz uma breve apresentação sobre Perelman. Nascido em 1912, na cidade de Varsóvia, na Polônia, ele foi para Bruxelas em 1925 e se naturalizou belga. Recebeu formação jurídica, escrevendo uma tese de doutorado em direito em 1934 e outra quatro anos depois sobre Gottlob Frege, pensador alemão.

Ainda segundo Alves (2009), foi em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca, estudiosa de ciências econômicas e sociais, em 1948, que Perelman começou a escrever sobre a argumentação e persuasão. Dez anos de pesquisas resultaram em dois livros: “Retórica e Filosofia”, em 1952, e “Tratado da Argumentação: a Nova Retórica”, em 1958. Na segunda obra citada, os autores escrevem que uma publicação como esta, sobre métodos tão clássicos, constitui “uma ruptura com uma concepção da razão e do raciocínio, oriunda de Descartes, que marcou com seu cunho a filosofia ocidental dos três últimos séculos” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 1).

A Nova Retórica, de acordo com Rezende (2010), possui um caráter de racionalidade em algum contexto, seja jurídico, científico, filosófico ou político, por exemplo. Ainda segundo o autor citado, Perelman resgata o pensamento de Aristóteles dando novamente importância ao silogismo dialético, um método de raciocínio apresentado em premissas prováveis com conclusões verossímeis.

Rezende (2010) também destaca a importância do auditório e do orador na teoria de Perelman e Tyteca para apresentar uma ideia ou tentar convencer o público, ou alguém específico, de algo. As premissas não são aceitas de maneira impessoal, pois dependem do assentimento do interlocutor. Desta forma, o autor completa dizendo que a Nova Retórica possui como inspiração o modelo de Aristóteles, mas são acrescentados novos detalhes e o foco é no aspecto argumentativo.

Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que para ocorrer a argumentação é necessário

que o público preste alguma atenção no orador e este precisa ter uma qualidade a mais para ser ouvido. Para tal, é importante que o discurso seja verbal e que o interlocutor conheça seu auditório. Torna-se mais difícil, como exemplificam os autores, quando se trata de um escritor, afinal não há como determinar, precisamente, quem são seus leitores.

Dessa forma, o auditório, pela Nova Retórica, é definido como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 22). Os autores complementam dizendo que cada interlocutor pensa em como é o público no qual seu discurso irá atingir e quais métodos podem ser utilizados. Música, iluminação, jogos, paisagem e teatro podem auxiliar os oradores, já que eles precisam se adaptar ao ambiente.

O auditório “deve ser entendido simplesmente como o conjunto daqueles a quem o discurso se dirige, ou seja, aqueles de quem se visa ganhar a adesão” (ALVES, 2005, p. 46). O conceito representa algo bem fluído e amplo, como define o mesmo autor citado, porque o auditório não se limita às pessoas que tiveram ou vão ter acesso ao discurso; é fruto de uma construção do orador para ganhar o assentimento.

Alves (2005) aponta que existem inúmeros tipos de auditório, como também infinitos métodos argumentativos para determinar a qualidade e o desenvolvimento da argumentação. Dessa forma, há uma diferenciação entre os auditórios mais qualificados, que buscam pelo convencimento dos ouvintes, e os menos, limitando-se à persuasão. Perelman e Tyteca (2005) estabelecem que para quem precisa obter o resultado, buscar persuadir é mais interessante do que convencer. O contrário ocorre para quem se preocupa com o caráter racional da adesão.

Rezende (2010) descreve que, ao contrário do que Aristóteles pensava, para Perelman qualquer pessoa pode ser interlocutor de algum argumento. Desta forma, o conceito de auditório universal acabou se tornando a ideia central da Nova Retórica. Perelman e Tyteca (2005) definem que este tipo de auditório também contempla as pessoas que não participam efetivamente dele no momento em que um argumento é apresentado.

“O auditório universal é aquele formado por todos os seres racionais” (ALVES, 2005, p. 72). O autor ainda ressalta que o mesmo é impreciso e está sujeito a muitas dúvidas. Para Alves (2005), o auditório universal é caracterizado por ser:

- a) um caso limite dos auditórios particulares;
- b) uma construção do orador;
- c) algo que não é dado empiricamente;
- d) uma mera pretensão do filósofo;
- e) uma questão de direito, um ideal normativo;
- f) uma hipótese, sempre passível de revisão;

- g) o melhor auditório possível, o mais qualificado;
- h) variável, dependendo do orador e do meio;
- i) constituído, em princípio, por todos os seres racionais;
- j) composto por todos aqueles que podem acompanhar a argumentação;
- k) a encarnação da razão (ALVES, 2005, p. 73).

Desta forma, busca resolver alguns problemas em relação ao auditório particular:

Toda argumentação que visa somente a um auditório particular oferece um inconveniente, o de que o orador, precisamente na medida em que se adapta ao modo de ver de seus ouvintes, arrisca-se a apoiar-se em teses que são estranhas, ou mesmo francamente opostas, ao que admitem outras pessoas que não aquelas que, naquele momento, ele se dirige (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 34).

Perelman e Tyteca (2005) alertam que existe o risco do auditório não aceitar as premissas do orador, seja por não concordar com que foi dito ou por acreditar que o interlocutor foi tendencioso. Para tentar diminuir essa possibilidade, Perelman e Tyteca (2005) ressaltam a importância do desenvolvimento de técnicas argumentativas no discurso, com o orador preparando o que vai ser dito de acordo com o público e o tempo à disposição, considerando também que cada ouvinte já possui valores próprios que podem influenciar.

Sousa e Malheiro (2019) afirmam que tais técnicas, acima mencionadas, também são chamadas de esquemas argumentativos e que há uma preocupação dos autores Perelman e Tyteca, no livro *Tratado da Argumentação*, em classificar e descrever os métodos para que se encaixem em diversos contextos. É possível identificá-los tanto no discurso quanto nos textos.

Perelman e Tyteca (2005) dividem as técnicas argumentativas entre os processos de ligação e de dissociação. O primeiro mencionado se subdivide em quase lógicos, fundados na estrutura do real e argumentos que permitem estruturar a realidade. O segundo só possui uma categoria: aparência-realidade.

A eficácia da argumentação depende das técnicas empregadas. Segundo Perelman, elas se apresentam sob dois aspectos diferentes: um aspecto positivo que, através dos argumentos de ligação, estabelece solidariedade entre as teses já admitidas pelo auditório e as que se quer promover; e o aspecto negativo que, através de argumentos de dissociação, rompe a solidariedade entre as teses admitidas e as que se opõem as teses do orador (FREIRE, 1994, p. 266).

Freire (1994) define os argumentos quase lógicos como aqueles que lembram os raciocínios formais pela sua estrutura e introduzem os modelos quantitativos, a matemática, na linguagem natural como um recurso retórico. A autora ainda completa dizendo que tal método

é frequentemente utilizado em jornais, revistas, rádio e televisão por causa das notícias ligadas a economia. Perelman e Tyteca (2005) ressaltam:

Em todo argumento quase-lógico convém pôr em evidência, primeiro, o esquema formal que serve de molde à construção do argumento, depois, as operações de redução que permitem inserir os dados nesse esquema e visam torná-los comparáveis, semelhantes, homogêneos (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 219).

Freire (1994) destaca que Perelman verificou a existência de possibilidades argumentativas nas técnicas quase-lógicas. São elas: incompatibilidade, identificação, reciprocidade, transitividade e probabilidade. Sousa e Malheiro (2019) descrevem que a primeira acontece quando duas teses entram em conflito e torna-se necessário escolher alguma delas ou abdicar das duas.

Freire (1994, p. 268) afirma que “na argumentação jamais estamos diante de uma contradição, mas podemos nos ver diante de uma incompatibilidade, ou seja, quando uma regra afirmada, uma tese sustentada, uma atitude adotada gera, sem que se queira, um conflito”. A autora utiliza como um dos exemplos uma criança que, na escola, costuma receber orientações mais duras dos professores, enquanto que em casa pode receber um tratamento mais liberal.

O segundo argumento, conceituado na obra de Perelman e Tyteca (2005) como identificação ou definição, é uma das técnicas quase-lógicas essenciais para identificar os diversos elementos que são objetos do discurso. Freire (1994, p. 271) destaca que “é preciso observar que os termos postos em relação numa definição estão em interação constante, não apenas com o conjunto de outros termos de uma mesma linguagem, como também com o conjunto de outras definições possíveis do mesmo termo”.

O método mais característico para uma identificação completa é o uso das definições, na qual Perelman e Tyteca (2005) citam Naess (1953) para falar sobre quatro tipos: normativa, indicando a forma com que a palavra é utilizada; descritiva, indicando o sentido da palavra no meio naquele momento; condensação, indicando elementos essenciais da definição descritiva e, por fim, complexa, combinando todos os elementos citados.

O uso argumentativo das definições supõe a possibilidade de definições múltiplas, tomadas ao uso comum ou criadas por um autor. É preciso observar que os termos postos em relação numa definição estão em interação constante, não apenas com o conjunto de outros termos de uma linguagem, como também com o conjunto de outras definições possíveis do mesmo termo (FREIRE, 1994, p. 271).

Perelman e Tyteca (2005) concluem:

Nossas observações tendem a mostrar que o uso argumentativo das definições pressupõe a possibilidade de definições múltiplas, extraídas do uso ou criadas pelo autor, entre as quais é indispensável fazer uma escolha. Mostram também que os termos correlacionados estão, por sua vez, em constante interação, não só com um conjunto de outros termos da mesma linguagem ou de outras linguagens que podem ser relacionados com o primeiro, mas também com o conjunto das outras definições possíveis do mesmo termo. Essas interações não podem ser eliminadas e, geralmente, são até essenciais para o alcance dos raciocínios (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 243).

Falando agora sobre o argumento quase lógico de reciprocidade, Sousa e Malheiro (2019) dizem que o mesmo acontece quando o interlocutor tem a intenção de manter o tratamento igual nas duas situações correspondentes, seguindo a regra de justiça. Freire (1994) define este conceito como justamente a igualdade para seres e situações assimiláveis uns aos outros por terem traços pertinentes. Neste caso, ter simetria é essencial.

Perelman e Tyteca (2005, p. 250) destacam que é simétrico “quando sua proposição conversa lhe é idêntica, ou seja, quando a mesma relação pode ser afirmada tanto entre b e a como entre a e b . A ordem do antecedente e do consequente pode, pois, ser invertida”. Os autores concluem dizendo que este tipo de argumentação costuma ser rejeitado, afinal “o que contribui para um bem é, em geral, menos apreciado do que o que evita um mal” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 256).

Sobre a transitividade, Perelman e Tyteca (2005) definem que a mesma relação existente entre a e b acontece entre b e c , logo são estabelecidas relações transitivas de igualdade, superioridade e inclusão entre a e c . Sousa e Malheiro (2019) conceituam como sendo inferências sobre a união de dois termos, criando-se uma relação entre a primeira e a segunda afirmação.

A transitividade de uma relação permite demonstrações em forma, mas quando a transitividade é contestável, ou quando a sua afirmação exige adaptações, precisões, o argumento de transitividade fica com estrutura quase-lógica. Assim é que a máxima ‘os amigos de nossos amigos são nossos amigos’ se apresenta como a afirmação de que a amizade é, para quem proclama essa máxima, uma relação transitiva (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 257).

Freire (1994) ressalta que a característica de transitividade pode ficar marcada por termos como “igual a”, “incluído em” e “maior do que”. Para a autora, esta maneira de pensar

lembra o argumento por divisão, pois permite chegar a conclusões sobre o todo depois de ter pensado nas partes individualmente.

Para finalizar as possibilidades argumentativas nas técnicas quase-lógicas, a probabilidade está “relacionada com a importância dos acontecimentos e no provável aparecimento deles, para isso o orador irá se apoiar em um conjunto de fatos semelhantes que provoquem ou aumentem a adesão do auditório” (SOUSA; MALHEIRO, 2019, p. 6-7).

A argumentação quase-lógica pelo provável ganha todo o seu relevo quando há avaliações baseadas, a um só tempo, na importância dos acontecimentos e na probabilidade do aparecimento deles, ou seja, na grandeza das variáveis e na frequência delas, na esperança matemática (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 292).

Freire (1994, p. 278) afirma que a comparação se torna um argumento quase lógico quando “ao utilizar um sistema de pesos e medidas, não realiza nem o ato de pesar, nem o ato de medir. O efeito persuasivo de tais comparações se baseia na ideia subjacente de que o rigor poderia apoiar-se sobre uma operação de controle”. A autora utiliza um exemplo para dizer que os termos de comparação também podem desqualificar outros. Ela escreve que a França é menor que o Brasil, mas é mais impressionante dizer que a França é do tamanho da Bahia.

Depois de abordar os métodos quase lógicos, chegou o momento de tratar sobre os argumentos baseados na estrutura do real, que, segundo Perelman e Tyteca (1996), procuram criar uma relação entre o que é aceito pelo auditório e o que o orador quer promover. Desta forma, torna-se necessário que o discurso seja suficientemente garantido para que possa continuar a argumentação.

Enquanto os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas, os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 297).

Perelman e Tyteca (2005) dividem a argumentação baseada na estrutura do real em ligações de sucessão e ligações de coexistência. Segundo Freire (1994), a primeira permite estudar o elo causal, o argumento pragmático e a relação meio/fim; já a segunda é baseada no argumento de autoridade.

Para Sousa e Malheiro (2019), o vínculo causal pode ser empregado pelo orador

para aumentar ou diminuir a crença na existência de uma causa e os efeitos que dela resultarem. Perelman e Tyteca (2005) destaca três tipos de argumentações que o elo causal permite:

- a) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal;
- b) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo;
- c) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 299-300).

Falando agora sobre o argumento pragmático, Perelman e Tyteca (2005, p. 303) define o termo como sendo “aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis”. De acordo com Freire (1994), a relação de causa e efeito se transforma em meio/fim. A argumentação pragmática “permite igualmente passar de uma ordem de realidade a uma outra, de apreciação dos atos à apreciação da pessoa, da utilidade de uma conduta à utilidade da regra que a inspira. Permite ainda ver nas consequências positivas de uma tese a prova de sua verdade” (FREIRE, 1994, p. 283).

O argumento pragmático parece desenvolver-se sem grande dificuldade, pois a transferência para a causa, do valor das consequências, ocorre mesmo sem ser pretendido (...) Ele não requer, para ser aceito pelo senso comum, nenhuma justificação. O ponto de vista oposto, cada vez que é defendido, necessita, ao contrário, de uma argumentação; tal como a afirmação de que a verdade deve ser preconizada, sejam quais forem suas consequências, por possuir um valor absoluto, independente destas (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 303-304).

Sobre a relação meio/fim, Sousa e Malheiro (2019) aponta que o argumento possibilita, a partir da causa e efeito, a não valorização dos fins, tornando-os meios, como também pode ocorrer a valorização dos meios quando eles se tornam um fim. Perelman e Tyteca (2005) afirmam que alguns fins são almejados porque são criados ou acessíveis aos meios de lhe utilizarem. Os autores complementam dizendo que alguns são ainda mais desejáveis por terem uma fácil realização.

Para que um meio seja valorizado pelo fim, cumpre, é claro, que ele seja eficaz; mas isto não quer dizer que será o melhor. A determinação do melhor meio é um problema técnico, que exige o emprego de diversos dados e o recurso a argumentações de todos os gêneros. O meio que prevalece – que requer menos sacrifício para o fim almejado - desfruta um valor inerente, desta vez, a essa superioridade (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 316).

Falando agora sobre as ligações de coexistência, uma argumentação baseada na estrutura do real, Perelman e Tyteca (2005, p. 333) as distingue das ligações de sucessão, porque nesta “os termos cotejados se encontram num mesmo plano fenômeno, as ligações de coexistência unem duas realidades de nível desigual, sendo uma mais fundamental, mais explicativa do que a outra”.

Ainda de acordo com os mesmos autores, a ligação de coexistência tem a essência relacionada com suas manifestações e nas relações entre uma pessoa e seus atos. “A reação do ato sobre o agente é capaz de modificar constantemente a nossa concepção da pessoa, em se tratando de atos novos que lhe atribuímos ou de atos antigos aos quais nos referimos” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 337).

O argumento de autoridade é a principal subdivisão das ligações de coexistência. O conceito é definido por Sousa e Malheiro (2019) como uma forma do orador usar o seu prestígio como uma “palavra de honra” a favor da sua tese. Também ocorre quando o interlocutor faz-se valer do reconhecimento de uma pessoa ou um grupo importante socialmente.

Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que o método foi atacado pela comunidade científica por se tratar de uma forma abusiva de argumentação, possuindo um valor coercivo, como se as autoridades citadas fossem soberanas. Os mesmos autores possuem uma visão diferente sobre o assunto, por afirmarem que “para nós, ao contrário, o argumento de autoridade é de extrema importância e, embora sempre seja permitido, numa argumentação particular, contestar-lhe o valor, não se pode, sem mais, descartá-lo como irrelevante” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 348).

Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que usar uma autoridade na argumentação é garantia de quem vai repercutir no orador que utilizou. Os autores trouxeram alguns nomes frequentemente invocados: “o parecer unânime”, “a opinião comum”, “cientistas”, “filósofos”, “padres da igreja”, “profetas”, “a física”, “a doutrina”, “a religião” e “a Bíblia”. Os autores concluem que uma mesma autoridade pode ser valorizada ou não dependendo da opinião dos oradores.

Perelman e Tyteca (2005) destacam que a competência é um dos principais fundamentos alegados em favor da autoridade, assim como a tradição, a antiguidade e a universalidade para Freire (1994). A mesma autora exemplifica a argumentação de autoridade com certas profissões, como médicos e militares, e a frase “sabe com quem estás falando?”. Em empresas de comunicação, como em jornais e revistas especializadas, também pode acontecer. Ela comenta que muitas pessoas confirmam a veracidade de algum fato após ver a notícia na Rede Globo.

Fechando os processos de ligação estão os argumentos que fundam a estrutura do real. Segundo Freire (1994), utiliza-se exemplos, modelos e analogias neste método que visa passar de um caso particular (ser, acontecimento, relação) para um generalizado ou transposto para outro domínio. Sousa e Malheiro (2019) explicam as técnicas argumentativas utilizadas:

[...] exemplo que usufrui do estatuto de fato ou regra para aquele auditório, valendo-se o orador de exemplos concretos, os quais ele acredita que serão aceitos sem discussão, tais como ilustração para reforçar a adesão do auditório a uma regra conhecida e já aceita, fazendo uso de uma variedade de casos particulares que podem ser duvidosos, mas esclarecem o enunciado geral; como modelo, para estimular uma conduta ou um comportamento a ser seguido, valendo-se do prestígio de pessoas ou grupos e ser adotado em algumas ocasiões; e analogia, para confrontar estruturas semelhantes, ainda que pertencentes a áreas distintas, prevalecendo os aspectos comuns, ou seja, aquilo que os torna semelhantes (SOUSA; MALHEIRO, 2019, p.8).

Sousa e Malheiro (2019, p. 8) citam a definição de Perelman e Tyteca (1996) de que “os esquemas de dissociação são técnicas argumentativas que tendem a separar os argumentos de ligação, afirmando que esta ligação é indevida. Para isso, fazem uso de uma série de pares de rupturas, que são baseadas no par ‘aparência x realidade’”. Dal Col e Brasil (2009) definem os dois conceitos:

- a) aparência: tem um caráter equívoco e corresponde ao imediato, ao que se apresenta em primeiro lugar. É possível que ela seja conforme ao objeto, confunda-se com ele, mas é possível também que ela nos induza ao erro a seu respeito. A aparência é, portanto, a manifestação do real;
- b) realidade: onde se vê uma realidade, surgem duas, a aparente e a verdadeira. A realidade só é entendida em relação à aparência. Além disso, ela fornece um critério, uma norma que permite distinguir o que é válido do que não é entre os aspectos da aparência. Essa regra possibilita hierarquizar os múltiplos aspectos e qualificar de ilusórios, de errôneos, de aparentes aqueles que não são conformes a essa regra fornecida pelo real (DAL COL; BRASIL, 2009, p. 478-479).

Perelman e Tyteca (2005) apontam que a “aparência” constitui o termo I, correspondente ao aparente, ao atual, imediato e conhecido diretamente, e a “realidade” ocupa o II, fornecendo um critério, uma norma, que permite diferenciar o que é válido do que não é entre os aspectos do termo I.

A oposição entre a aparência e a realidade, embora forneça o protótipo de um par filosófico, não permite, porém, reservar todas as vantagens para a realidade, em detrimento da aparência. Isso porque, ao passo que esta é dada, a realidade é construída, seu conhecimento é indireto, às vezes impossível,

raramente comunicável de modo exaustivo e indiscutível (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 475).

Todas estas técnicas argumentativas mencionadas - de ligação (subdivididos em quase lógicos, fundadas na estrutura do real e que permitem estruturar a realidade) e de dissociação (aparência-realidade) - são, para Perelman e Tyteca (2005), processos isolados que juntos possuem uma constante relação. Desta forma, podem ser divididas como “interação entre diversos argumentos enunciados, interação entre estes e o conjunto da situação argumentativa, entre estes e sua conclusão e, enfim, interação entre os argumentos contidos no discurso e aqueles que têm este último por objeto” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 523).

Hartmann (2002) ressalta que esta união das ligações argumentativas tem como objetivo garantir o assentimento do auditório. Para isso, a mesma autora diz que o orador precisa escolher as técnicas a serem utilizadas a seu favor e é necessário levar em conta toda a interação dos argumentos, além da força que cada um deles têm.

Hartmann (2002, p. 52) destaca que Chaim Perelman “assume tratar de uma noção confusa essa de força dos argumentos”. Ela completa dizendo que tal força pode ser calculada pela qualidade da argumentação e pela dificuldade do auditório em negá-lo.

O princípio capital, nessa matéria, continua a ser a adaptação ao auditório, às teses por ele admitidas, levando em conta a intensidade dessa adesão. Não basta escolher premissas nas quais se apoiar; cumpre prestar atenção, uma vez que a força do argumento se deve em grande parte à sua possível resistência às objeções, a tudo quanto o auditório admite, mesmo ao que não se tem nenhuma intenção de usar, mas que poderia vir opor-se à argumentação. Na refutação, mesmas condições. Nela a escolha é, ademais, guiada pelo argumento que se combate (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 525).

Hartmann (2002) comenta que, segundo a teoria de Perelman, a força dos argumentos pode ser usada como elemento argumentativa e assim analisada sob dois pontos. São eles: “um argumento será forte quando eficaz, ou seja, quando determinar a adesão dos ouvintes ou então um argumento será forte quando válido, isto é, quando deveria determinar a adesão” (HARTMANN, 2002, p. 53).

Nossa hipótese é de que essa força é apreciada graças à regra de justiça: o que pôde, numa certa situação, convencer, parecerá convincente numa situação semelhante ou análoga. A aproximação entre situações será objeto, em cada disciplina particular, de um exame e de um aprimoramento constantes. (...) A força dos argumentos depende, pois, largamente, de um contexto tradicional.

Às vezes o orador pode abordar todos os assuntos e valer-se de toda espécie de argumentos; às vezes sua argumentação é limitada pelo hábito, pela lei, pelos métodos e técnicas próprias da disciplina em cujo seio se desenvolve seu raciocínio. Esta determina amiúde o nível da argumentação o que pode ser considerado fora de discussão, o que deve ser considerado irrelevante no debate (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 528).

Hartmann (2002) destaca que a convergência é uma das principais maneiras de interação entre os argumentos, sendo que ela pode acontecer de dois jeitos. O primeiro diz respeito ao “fortalecimento aditivo, que vai ocorrer quando argumentos diferentes e independentes levam ao mesmo resultado” e o segundo fala sobre o “fortalecimento regressivo, quando as premissas de uma argumentação são estabelecidas por meio de novos argumentos” (HARTMANN, 2002, p. 54).

Entretanto, também pode ocorrer a dissociação dos argumentos, conforme ressalta Hartmann (2002, p. 54), “que visa a separar os elementos, que pela linguagem ou por uma tradição reconhecida, foram antes ligados uns aos outros”. A autora complementa:

Para Chaim Perelman, a dissociação terá origem sempre no desejo de se pôr fim a uma incompatibilidade, nascida da oposição entre as teses apresentadas. Essa dissociação sempre levará em conta pares filosóficos, tais como justo-injusto, bem-mal, meio-fim, teoria-prática, relativo-absoluto, entre infinitos outros (HARTMANN, 2002, p. 55).

Além da força dos argumentos, Perelman e Tyteca (2005) também levam em consideração a amplitude. Os autores utilizam disso para estabelecer a diferença entre demonstração e argumentação. Na primeira, se duas demonstrações levarem a mesma conclusão, a mais curta se torna a mais interessante, visto que o seu tamanho apresenta vantagens. Já na segunda, o aglomerado de argumentos é válido para se encontrar uma relação entre eles, afinal é preciso garantir premissas mais convincentes para o auditório. Com isso, a amplitude será maior.

Perelman e Tyteca (2005) destaca que se fosse para persuadir apenas uma pessoa, provavelmente uma espécie de argumento seria o necessário. Porém a diversidade do auditório justifica a quantidade de premissas, afinal o orador precisa lidar com algumas refutações.

Entretanto, os autores fazem uma ressalva: “Os diversos argumentos podem parecer, não incompatíveis, mas simplesmente supérfluos, porque o fato de admitir um deles tornaria os outros inúteis” (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 542). Além disso, também comentam que repetir os mesmos argumentos não é algo positivo para assegurar ou

complementar o que está sendo dito. Quem utiliza desta repetição tem como objetivo insistir na presença dos argumentos e em sua amplificação.

A amplitude do discurso depende também do número de oradores que tomam parte no debate, de uma eventual distribuição de seus papéis, da ocasião que cada qual terá de prosseguir a argumentação, seja para fornecer novos argumentos, seja para repetir ou desenvolver os argumentos já enunciados (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 543).

Após conhecer um pouco mais sobre a Nova Retórica e a parte mais teórica da monografia, também se torna fundamental apresentar outros conceitos relacionados ao tema do trabalho antes de ser feita a análise em si. Por isso, a seguir foram utilizados outros autores que já pesquisaram e escreveram sobre o esporte, desde a sua até seus fins educacionais, políticos e econômicos.

4. A HISTÓRIA DO ESPORTE E A SUA RELAÇÃO COM A POLÍTICA

De acordo com Tubino (1999), o termo esporte vem do século XIV, quando os marinheiros usavam as expressões “fazer esporte”, “desportar-se” ou “sair do porto” para explicar os passatempos que envolviam habilidades físicas. O mesmo autor aponta que existem duas interpretações sobre a origem do esporte: uma diz que a prática é vinculada a fins educacionais desde os tempos primitivos; já a outra compreende o esporte como um fenômeno biológico e não histórico.

Ainda segundo Tubino (1999), mesmo com as interpretações distintas acima, o que une as teorias é a competição. Para ter esporte, é necessário existir a competição. O jogo é regulado por regras e é comandado por entidades dirigentes, as federações.

Helal (1990) estabelece a distinção entre brincadeira, jogo e esporte. Os dois primeiros conceitos são diferenciados pelo fato do jogo englobar um conjunto de regras fixas. Caso os participantes da brincadeira estabeleçam um regulamento, a espontaneidade e o puro prazer são deixados de lado para se tornarem jogos competitivos ou não. O autor afirma que esporte também é jogo, mas possui características únicas, como uma organização burocrática mais ampla, a disputa física e a competição.

Para Tubino *et al.* (2007), o esporte, em seu foco histórico, deve ser dividido em antigo, período compreendido da antiguidade até a primeira metade do século XIX, moderno, concebido depois de 1820 pelo inglês Thomas Arnold, e contemporâneo, no final da década de 1980 com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte⁴. Carl Diem (1966), citado por Tubino (2010), relacionou a história do esporte como algo íntimo a cultura humana, porque é por meio dela que se compreendem épocas e povos, afinal cada período tem as suas modalidades preferidas e a essência de cada povo se reflete nelas.

Tubino *et al.* (2007) descrevem as atividades esportivas na antiguidade como práticas pré-esportivas. Isso porque muitas eram realizadas para a própria sobrevivência, seja nadando, correndo e caçando, ou em preparações para a guerra, marchando, caminhando, esgrimando e lutando.

Segundo Tubino (1999), esse caráter utilitário-guerreiro da atividade física apareceu quando o homem deixou de ser nômade e se fixou nas margens dos rios para plantar seus próprios alimentos, sofrendo, desta forma, ataques de quem continuava sendo nômade. Ainda de acordo com o autor, foram os gregos de Atenas que deram uma finalidade educativa

⁴ A carta está disponível em português no link: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216489_por.

aos exercícios físicos, dando início aos Jogos Gregos, evento que registrou pela primeira vez uma organização para a competição e foi o marco inicial da história do esporte.

Tubino (1999) descreve os Jogos Olímpicos como a principal manifestação do esporte na Antiguidade. O evento era realizado em Olímpia a cada quatro anos e os atletas gregos se preparavam com dieta, musculação, massagem e treinadores especializados, um legado que pode ser percebido até os tempos atuais. Os Jogos foram disputados 293 vezes em 12 séculos (776 a.C. a 394 d.C.) e seguiam uma regulamentação rígida pré-estabelecida. Os escravos podiam assistir os jogos, mas as mulheres não tinham esse direito. Os vencedores eram premiados com coroas de ramos de oliveira e vários prêmios, como escravos, pensão vitalícia e isenção de impostos.

Falando agora sobre as origens do esporte moderno, Betti (1993) aponta que esse período é produto das profundas transformações produzidas pela Revolução Industrial na Europa dos séculos XVII e XIX, especialmente na Inglaterra. Até este momento, os esportes de campo, como a caça, era uma forma de lazer para a classe nobre inglesa. Depois, outras modalidades foram se proliferando entre as camadas sociais, como o futebol.

McIntosh (1975) descreve que a burguesia emergente tomou emprestado formas desportivas das classes populares e da aristocracia, além de padrões de comportamento. As regras do jogo eram rigorosas e “condutas não-cortês” eram rejeitadas, fato que deu origem ao “fair play”, o jogo limpo.

A Inglaterra, com Thomas Arnold, foi pioneira em usar o esporte como uma ferramenta para a educação. Tubino (1999) aponta a tentativa de Arnold em dar um caráter utilitário ao esporte, que era visto por ele não só como um jogo ou uma competição, mas também como formação. O inglês dirigiu o Colégio Rugby entre 1828 e 1841, período em que incorporou atividades físicas praticadas pela burguesia ao processo educativo, deixando os alunos dirigirem os jogos e criarem regras próprias. Esta forma de pensar ultrapassou os muros do colégio e foi difundida ao povo inglês. Posteriormente, houve a necessidade de criar entidades que coordenassem as disputas, surgindo as federações e os clubes.

Inspirado por Arnold, Pièrre de Coubertin fez viagens para a Inglaterra a fim de aprender mais sobre o esporte moderno e a forma de ensino. Segundo Miragaya (2009), o principal objetivo do pedagogo francês era realizar uma reforma no sistema de educação e nas escolas do seu país, fazendo com que o esporte integrasse a rotina escolar.

Tubino (1999) aponta que Coubertin acreditava no poder do esporte para estimular a convivência humana e a busca pela paz. Até por isso, iniciou, em 1892, o movimento de restauração dos Jogos Olímpicos, que, na antiguidade, já haviam interrompido guerras. Quatro

anos depois, em Atenas, os I Jogos Olímpicos modernos aconteceram e tiveram a participação de 285 atletas.

Tubino (1999) descreve que o esporte moderno foi se expandindo, sem grande aceleração, em um período estável até a II Guerra Mundial, onde o viés pedagógico foi abandonado e um sentido de rendimento foi incorporado. Tubino (2010) aponta que Adolf Hitler aproveitou dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, para tentar provar a sua teoria política de que raça ariana seria superior, tanto fisicamente quanto intelectualmente, em relação às outras.

Sigoli e De Rose Jr. (2004) ressaltam que a realização dos Jogos Olímpicos na Alemanha serviu para representar os interesses de propaganda do Nazismo e, dessa forma, tornou-se uma referência na utilização do esporte para fins políticos. O governo preparou a melhor edição dos jogos até então, onde toda a população foi orientada a receber bem os visitantes e relevar os preceitos racistas; os jornais e boletins que perseguiam os judeus foram recolhidos; foram construídos estádios e instalações esportivas e as imagens dos jogos eram transmitidas em telões. Tudo isso com o propósito de exaltar as ações do Nazismo.

Em 1945, com o fim da II Guerra Mundial e início da Guerra Fria, o capitalismo e o socialismo se opuseram. Como descreve Tubino (1999), durante este período o esporte também foi utilizado como um palco para os países em conflito obterem vitórias internacionais, utilizando de propagandas ideológicas para comprovar a superioridade de cada regime político. A partir desse momento na história surge o “chauvinismo da vitória”, onde todo aquele espírito de fair-play dá lugar ao sentimento de vitória a qualquer custo. Desta forma, aparecem os primeiros casos de suborno e doping, atos que acontecem ainda nos dias atuais.

Tubino (2010) cita vários casos onde o uso político-ideológico do esporte motivou muitas manifestações e, por diversas vezes, foram situações graves em Jogos Olímpicos. Na Olimpíada de Munique, em 1972, atletas israelenses foram sequestrados e assassinados por terroristas palestinos do grupo “Setembro Negro”. Em 1976, muitos países africanos boicotaram os jogos em Montreal como uma forma de protesto pela presença da Nova Zelândia. O país havia disputado uma partida de rugby contra a Rodésia, que ainda mantinha a política racial do apartheid.

Já em 1980, de acordo com Tubino (2010), foi a vez dos Estados Unidos boicotarem os Jogos Olímpicos de Moscou, alegando que o motivo da ausência seria a invasão da União Soviética no Afeganistão. A União Soviética revidou o boicote em Los Angeles, 1984, por causa da intervenção norte-americana em Granada.

Pelo contexto da Guerra Fria, o “chauvinismo da vitória” e pelos acontecimentos nas Olimpíadas, houve um enfraquecimento do Comitê Olímpico Internacional, segundo Tubino (2010). O autor também aponta que esse quadro gerou reações importantes e aos poucos foram criadas as bases do Esporte Contemporâneo. Entre elas, a criação do Movimento “Esporte para Todos”, os manifestos das organizações internacionais e a adesão da intelectualidade internacional às questões do esporte, com sociólogos, filósofos e cientistas políticos preocupados em desintoxicar as práticas esportivas de vícios e deformações.

Sigoli e De Rose Jr. (2004) relatam que os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, marcaram a entrada do esporte na economia mundial. O Comitê Olímpico Internacional vendeu, pela primeira vez, o evento à iniciativa privada por meio de patrocínios. Com a valorização do esporte na mídia, devido à grande audiência da massa, os patrocinadores surgiram em grande número e a mercantilização gerou um lucro inédito.

Bourdieu (1997) analisa os Jogos Olímpicos por um referencial aparente e outro oculto. O primeiro diz respeito ao espetáculo esportivo, onde atletas de vários países se encontram para a disputa das provas e há todo um sentimento de nacionalismo, com o desfile das delegações, entrega de medalhas e a execução do hino nacional diante das bandeiras. O referencial oculto é o conjunto de representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões. Cada canal dá mais importância a um atleta ou a uma modalidade buscando a satisfação do orgulho nacional, transformando o evento em um confronto entre campeões de diferentes nações.

Principalmente neste contexto contemporâneo, o esporte como espetáculo começa a se tornar algo mais comum. Proni (1998) traça três elementos característicos para isso: os torneios são organizados por ligas ou federações, que reúnem atletas sob intensos treinamentos; as competições tornaram-se espetáculos veiculados na mídia e são apreciados no tempo de lazer do espectador; a espetacularização motivou as relações mercantis no esporte, seja no pagamento de salários aos atletas, seja porque os eventos esportivos passaram a ser financiados por meio da comercialização do espetáculo.

Ainda segundo Proni (1998), o fenômeno da espetacularização faz com que o esporte se distancie da ideia da prática somente como recreação ou para a educação. Além do mais, conduz o esporte ao profissionalismo de atletas e técnicos, sendo que a massificação de algumas modalidades também retira um caráter elitista que outrora tinha.

Sigoli e De Rose Jr. (2004) concluem que o esporte foi utilizado para fins políticos e econômicos, mas a busca pela vitória e a regulamentação sustentam a sua legitimidade. Para os autores, o esporte é vulnerável ao meio político por causa das seguintes características: é

uma atividade de fácil compreensão, onde o Estado aproveita da carga emocional envolvida para divulgar os seus objetivos e ideologias para a massa; oferece à população uma ideia de identificação com o coletivo e com o sentimento de patriotismo; é um elemento alienador que permite ao espectador compensar as tensões e aflições da vida cotidiana; os sucessos esportivos fornecem prestígio político ao atleta, que pode se tornar um representante do sistema; é reflexo da concepção de valores existentes na sociedade na qual está inserido, o que lhe confere uma neutralidade interna e permite que o direcionamento político seja determinado de fora do seu contexto.

Ao passar pela história do esporte, nota-se que a política faz parte desta linha do tempo e tal relação ainda reflete nos dias de hoje, como aconteceu em 2019 com o jogador Henrikh Mkhitaryan, quando ele ainda defendia o Arsenal, da Inglaterra. De acordo com uma matéria da Veja⁵, o clube anunciou, por meio de uma nota oficial, que o atleta não iria viajar para enfrentar o Chelsea na final da Liga Europa, um dos principais torneios de clubes no mundo, no Estádio Olímpico de Baku, na capital do Azerbaijão. O motivo para isso? Mkhitaryan nasceu na Armênia, país que tem problemas diplomáticos com a nação sede da partida decisiva.

O Globo Esporte⁶ relatou que os países disputam a região de Nagorno-Karabakh, no sudoeste do Azerbaijão, desde a dissolução da União Soviética no fim da década de 1980 e início dos anos 1990. Na época, a população de origem armênia era a maioria no local e quis se separar. Os povos vizinhos vieram a se transformar em países independentes e tiveram disputas territoriais entre 1988 e 1994, voltando a entrar em conflito em abril de 2016, na Guerra dos 4 dias.

Com isso, não existia a garantia de que Mkhitaryan teria segurança na viagem e, então, houve um acordo entre o clube, o jogador e a sua família de que era melhor o armênio não ser relacionado para a final. De acordo com o UOL⁷, esta foi a terceira vez que o atleta não viajou para jogar no Azerbaijão. Em 2015, quando ele ainda atuava pelo Borussia Dortmund, da Alemanha, o meia ficou de fora da partida contra o Gabala pela Liga Europa. Também pela

⁵ VEJA. **Por ser armênio, meia do Arsenal é cortado de final da Liga Europa.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/por-ser-armenio-meia-do-arsenal-e-cortado-de-final-da-liga-europa/>. Acesso em: 26 maio 2019.

⁶ GLOBO ESPORTE. **Arsenal confirma que Mkhitaryan está fora da final da Liga Europa no Azerbaijão por ser armênio.** Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/liga-europa/noticia/arsenal-confirma-que-mkhitaryan-esta-fora-da-final-da-liga-europa-por-cao-de-conflito-diplomatico.ghtml>. Acesso em: 26 maio 2019.

⁷ UOL. **Mkhitaryan desfalca Arsenal na final da Liga Europa por medida de segurança.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/05/21/mkhitaryan-desfalca-arsenal-na-final-da-liga-europa-por-medida-de-seguranca.htm>. Acesso em: 26 maio 2019.

mesma competição, na primeira fase da atual temporada, Mkhitaryan não jogou contra o Qarabag, em outubro de 2018, quando já pertencia ao Arsenal.

Muitos sites repercutiram a notícia e o assunto foi amplamente comentado nas mídias sociais. Até por isso, o jornalismo especializado em esportes, aquele que traz estatísticas e levantamentos históricos, merece destaque e será o assunto a seguir, juntamente com a trajetória profissional do Tiago Leifert, jornalista que escreveu o texto que motivou esta monografia.

5. JORNALISMO ESPORTIVO E A TRAJETÓRIA DO TIAGO LEIFERT NA TELEVISÃO

Tubino *et al.* (2007) definem jornalismo esportivo como uma especialidade do jornalismo onde são transmitidas informações, opiniões e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural. A definição de Joana Carvalho (2005) é citada por Pena (2005):

O jornalismo esportivo é o responsável por divulgar tudo o que acontece em relação ao esporte. O que vai desde o conceito de esporte como ferramenta de inclusão social até os noticiários especializados em modalidades esportivas de alto rendimento, onde estão condicionados aspectos como entretenimento e profissionalismo. Todo assunto de interesse da sociedade que envolva esporte é objeto do jornalismo esportivo (CARVALHO, 2005, apud PENA, 2005, p.81).

Canavilhas e Giacomelli (2015) apontam que os primeiros registros sobre um jornal de esportes são da França, em 1828, com o *Journal des Haras*. O noticiário era especializado em corridas de cavalos.

Posteriormente, surgem outros jornais com foco em várias modalidades, como o *Sportsman*, na Inglaterra em 1852, e *Le Sport*, na França em 1854, como conta Neves (2018). A autora descreve que a revista francesa publicava crônicas sobre esportes praticados pela elite da época, como haras, turfe, caça, natação e pesca. Ela ainda destaca que, posteriormente, surgiram os jornais *Gazzetta dello Sport* (Itália, 1896) e *El Mundo Deportivo* (Espanha, 1906), e as revistas *El Cazador* (1856) e *El Sport Español* (1869), ambas espanholas.

Um exemplo de que a história do esporte e do jornalismo esportivo se relacionam é que, segundo Tubino *et al.* (2007), a *Gazzetta dello Sport*⁸ surgiu três dias antes dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, evento reestruturado por Pièrre de Coubertin. O jornal ainda circula pela Itália e, desde a sua origem, possui um estilo peculiar com a capa cor de rosa, as manchetes em destaque e uma ampla cobertura setORIZADA, como descrevem os autores citados.

Silveira (2009) relata que um dos momentos mais significativos da importância do esporte foi a inclusão de páginas esportivas no *The New York Journal* em 1895. Como as vendas aumentaram, essa temática começou a ser explorada diariamente e concorrentes também começaram a dar espaço às modalidades, como o *The New York Times*.

⁸ O site do jornal está disponível no link: https://www.gazzetta.it/?refresh_ce-cp.

A autora ainda ressalta que o sucesso obtido pela mídia impressa influenciou os veículos de comunicação falados a também divulgarem notícias esportivas. Siqueira (2010) aponta um fato interessante: em 1920, nos Estados Unidos, a emissora de rádio KDKA fez a transmissão ao vivo integral, pela primeira vez na história, da luta de boxe entre Jack Dempsey e Georges Carpentier. O duelo aconteceu em New Jersey a mais de 300 quilômetros de Pittsburgh, local onde a emissora se localiza.

Segundo Gurgel (2009), a primeira transmissão esportiva feita de forma integral na televisão foram os Jogos Olímpicos de Londres em 1948. Sabedra (2017) aponta que, de acordo com as informações do Comitê Olímpico Internacional, a transmissão ficou restrita à capital inglesa e o evento foi televisionado em um raio de aproximadamente 80 quilômetros da cidade-sede, com audiência média de 500 mil pessoas. Em 16 dias de jogos, a cobertura total foi de 64 horas.

O autor ainda faz uma comparação com a Olimpíada de 2012, também em Londres. Na ocasião, os jogos foram assistidos por 4,8 bilhões de pessoas em mais de 200 países, divididos em 506 canais, com quase 100 mil horas transmitidas.

No Brasil, Ribeiro (2007) aponta que o jornalismo esportivo tem como marco inicial o ano de 1856, quando o futebol ainda estava longe de ser o protagonista:

O jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com *O Atleta*, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Pouco depois, em 1885, circularam *O Sport* e *O Sportsman*. Em 1981, surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo (RIBEIRO, 2007, p. 26-27).

As modalidades comentadas por Ribeiro (2007) eram exclusivamente praticadas pelas elites sociais. Até por isso, Neves (2018) cita Melo (2012) para ressaltar que mesmo o esporte não sendo determinante para os rumos políticos e econômicos do país, haviam muitas pessoas influentes praticando as principais atividades da época e a imprensa tinha o interesse de se relacionar com elas.

De acordo com Coelho (2003), o jornalismo esportivo já nasceu cercado de relutâncias, isso porque a temática era vista como recreação e não teria tanta importância para dividir as manchetes com temas nobres como a política e a economia. Ainda segundo o autor, a lógica era: como o esporte atingia apenas as elites, ou seja, a minoria do Brasil, a venda de

jornais seria menor, não sendo lucrativo noticiar o assunto. Uma frase de Graciliano Ramos⁹ demonstra bem a impressão na época sobre a introdução dos esportes no país: “Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega”.

Neves (2018) ressalta que a audiência foi fundamental para o jornalismo esportivo no Brasil e no mundo, juntamente com a popularização do futebol e a sua profissionalização. De forma simultânea, os jornalistas também foram se profissionalizando.

Ribeiro (2007) aponta que o futebol brasileiro, em si, só foi oficialmente noticiado em 1901. No dia 22 de setembro daquele ano, o jornal *Correio da Manhã* publicou informações sobre a partida realizada entre as equipes do Paysandu Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association, as únicas existentes no Rio de Janeiro até então.

Neves (2018) cita uma reflexão interessante de Melo (2012): a popularidade crescente da prática esportiva é devido ao espaço privilegiado que a mídia deu ao assunto ou esse espaço na mídia só foi criado porque o esporte se expandiu? O próprio autor responde que é uma relação de mão-dupla, já que “a imprensa progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada” e “a prática também se tornou crescentemente valorizada porque foi progressivamente noticiada na imprensa” (MELO, 2012, apud NEVES, 2018, p. 3).

Barbeiro e Rangel (2006) descrevem que jornalismo é jornalismo, independente da especialização, já que pode ser transmitido em televisão, rádio, jornal, revista ou internet e a sua essência não muda, afinal está ligada às regras da ética e ao interesse público. Coelho (2003) ressalta:

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes (COELHO, 2003, p. 37).

Carvalho (2005) é citada por Pena (2005) para que seja estabelecida a principal distinção entre as áreas:

A característica fundamental do jornalismo esportivo, e que diferencia essa editoria de qualquer outra, é a paixão que o esporte desperta no público. Ao produzir seu texto para jornal, rádio ou internet, o jornalista esportivo tem que estar ciente de que está lidando com uma paixão do leitor/espectador. E por

⁹ Escritor e jornalista brasileiro, autor da obra “Vidas secas”. Disponível em: https://www.ebiografia.com/graciliano_ramos/. Acesso em: 20 nov. 2019.

conta disso, a editoria de esporte é a que consegue atingir todas as classes sociais (CARVALHO, 2005, apud PENA, 2005, p. 81).

Barbeiro e Rangel (2006) alertam que o jornalismo esportivo se confunde, frequentemente, com puro entretenimento. Os autores ressaltam isso pelo envolvimento com outras atividades incompatíveis com a prática do jornalismo, como agenciamento de publicidade, marketing e política privada dos clubes, federações, confederações e empresas.

Tubino *et al.* (2007) escrevem que cada vez mais o jornalismo esportivo tem buscado o sentido do espetáculo, com a criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no esporte. O texto que deu origem a esta monografia, “Evento esportivo não é lugar de manifestação política”, é de autoria do Tiago Leifert, jornalista da Rede Globo que por muito tempo trabalhou na área esportiva, mas depois começou a apresentar programas de entretenimento.

Tavares (2013) descreve que Leifert começou a faculdade de Comunicação Social na PUC-SP, mas acabou optando por seguir a sua graduação nos Estados Unidos. Na Universidade de Miami, formou-se em jornalismo e psicologia, e depois foi estagiário na NBC, emissora norte-americana. Em 2004, quando voltou ao Brasil, trabalhou como produtor na filiada da Globo em São José dos Campos, TV Vanguarda, onde adquiriu mais experiência.

Tavares (2013) aponta que, depois de um ano e meio na Vanguarda, Leifert cursou “Formação executiva em cinema e televisão”, na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Então, começou a procurar por um novo emprego e foi selecionado para ser repórter no SporTV, emissora dedicada aos esportes. Mas, por ter pensamentos diferentes da linha editorial do canal, teve um início complicado.

Fui treinado nos Estados Unidos. Lá as pessoas têm total noção de que esporte é entretenimento, espetáculo. Quem já assistiu NBA sabe. Eu fui treinado daquele jeito. Mas aí eu cheguei no SporTV e as pessoas não pensavam daquele jeito. Então por muito tempo eu estava errado. Tudo que eu fazia era errado, toda brincadeira eu tomava bronca (LEIFERT, 2009?, apud TAVARES, 2013, p. 29).

Ainda de acordo com Tavares (2013), Tiago se destacou na cobertura das Olimpíadas de Pequim, em 2008, e teve o desempenho elogiado, sendo contratado pela Globo. Na nova emissora, o seu objetivo era reformular o Globo Esporte, afinal o programa tinha uma versão nacional para todos os estados, mas estava com baixos índices de audiência. Então, Leifert foi escolhido para ser o editor-chefe da edição de São Paulo.

Segundo Tavares (2013), o Globo Esporte foi ao ar pela primeira vez no dia 14 de agosto de 1978 com a apresentação do Léo Batista. Penteado *et al.* (2014) ressaltam que os primeiros cenários do GE eram simples, com o apresentador atrás da bancada, um fundo com a logo do programa, onde o jornalista não fazia grandes deslocamentos e o enquadramento da câmera era bem próximo, não sendo possível visualizar as mãos.

Já em 2008, os autores citados destacam que a apresentação do programa acontecia em duplas e o enquadramento mais aberto permitiu uma maior visualização do cenário e dos apresentadores, que alternavam entre ficarem sentados ou em pé. A grande mudança de postura e da linha editorial de um programa tão tradicional para os fãs de esporte aconteceu justamente com a chegada do Tiago Leifert na edição paulista.

Penteado *et al.* (2014) apontam que houve a mudança de cenário em 2009, com a inclusão de recursos tecnológicos - como o telão touch screen e o jogo de videogame - e enquadramentos abertos e variados, permitindo a mobilidade do apresentador. Segundo Oselame (2010), as alterações foram significativas: a bancada deu lugar à mobilidade na fala e os roteiros prontos nos teleprompters¹⁰ foram substituídos pelo improviso e bom humor. A autora descreve que a apresentação ficou mais leve, com menos aparência de telejornal e mais próxima de uma conversa informal. Nesta época, Tiago Leifert ressaltou:

Jornalismo esportivo é uma coisa sem vida, sem emoção, sem paixão, isto está na matéria do exame de doping, em uma briga de torcida. Mas o esporte é legal porque ele diverte, ninguém assiste ao jogo do Corinthians para se informar, assiste para se divertir, para torcer, xingar o juiz. O jornalismo no Globo Esporte estava muito pesado, eu brinco que a gente estava numa rave usando smoking. Hoje eu acho que é muito mais entretenimento do que informação, ele tem um peso maior no programa (LEIFERT, 2009, apud BEZERRA, 2009, p. 9).

Padeiro (2015) cita algumas dessas novidades no Globo Esporte de São Paulo. Leifert fez concursos de beleza com atletas e torcedoras, criou músicas para os jogadores, levou alguns deles no estúdio para jogar videogame e agregou no programa um comentarista para falar ao vivo sobre futebol. Ainda de acordo com o mesmo autor, as alterações significativas deram um caráter de entretenimento a edição, onde era possível fazer improvisações e comentários sobre a aparência dos atletas, além de fatos inusitados nos campeonatos.

¹⁰ O teleprompter é um sistema que permite aos apresentadores lerem os roteiros dos programas olhando para a câmera da transmissão.

Como citado anteriormente, essa mudança de formato se deu pela baixa audiência que o programa estava tendo. Bezerra (2009) escreve que, de acordo com o Ibope, por diversas vezes a TV Globo ficou na segunda posição no ranking quando estava sendo transmitido o Globo Esporte. “Chaves”, exibido pelo SBT, ocupava a primeira colocação e programas como “Hoje em dia” e “Balanço geral”, ambos da Record, também tinham muita audiência no mesmo horário.

Em entrevista dada a Bezerra (2009), Leifert revelou que se irritou muitas vezes e até pensou em desistir porque tudo que fazia era considerado como errado pela emissora. Ele conta que não entendia porque uma vez falou “cara” e isso gerou um relatório, sendo que a Globo deveria se preocupar com a audiência menor do que o “Chaves”.

Renata Cuppen, editora de texto do Globo Esporte de São Paulo na época das mudanças editoriais, aprovou o novo formato em entrevista à Bezerra (2009):

O programa hoje tem jornalismo, mas a gente está tentando que ele seja um programa de televisão em primeiro lugar. A gente não quer que ele seja um programa só de jornalismo, a informação tem que estar lá, mas ela pode chegar ao telespectador de uma forma legal, não precisa ter aquela cara de jornalismo formal em que o apresentador não expressa opinião. Ele pode ser divertido, pode ser um programa de televisão, de entretenimento, por que não? (CUPPEN, 2009, apud BEZERRA, 2009, p. 8-9).

Padeiro (2015) aponta que as alterações surtiram efeito e o Globo Esporte de São Paulo foi o único programa da Rede Globo que teve crescimento no Ibope de 2009 para 2010. A repercussão fez com que o mesmo modelo fosse implementado em outros estados, como no Rio de Janeiro com o apresentador Alex Escobar.

Oselame (2010) pontuou algumas características negativas dessa renovação do Globo Esporte, observadas no processo de jornalismo/entretenimento: banalização da notícia; descaso com a técnica jornalística; exacerbação do humor; reinterpretação do conceito de criatividade; empobrecimento do texto e a forte tendência em transformar o jornalista não apenas em um artista, mas na própria notícia.

De acordo com “A memória Globo”¹¹, Tiago Leifert deixou a apresentação do Globo Esporte em 2015 para seguir somente na área de entretenimento. Na ocasião, tornou-se um dos apresentadores do programa “É de casa”. Ele também já apresentou programas como o

¹¹ A MEMÓRIA GLOBO. **Tiago Leifert**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/tiago-leifert/trajetoria.htm>. Acesso em: 7 nov. 2019.

“The Voice Brasil” e “The Voice kids”, sendo que atualmente comanda o “Zero 1” e o “Big Brother Brasil”.

Após conhecer um pouco mais da história do jornalismo esportivo e do autor do artigo de opinião que deu origem a pesquisa, chegou o momento de analisar o texto “Evento esportivo não é lugar de manifestação política”, com base em exemplos históricos e na Nova Retórica de Chaim Perelman.

6. ANÁLISE

Durante todo o artigo, Tiago Leifert estabeleceu, como ideia central, que esporte e política não devem se misturar. A partir daí, como os estudos de Hartmann (2002) ressaltam, o jornalista utilizou de argumentos diferentes e independentes para determinar a adesão dos leitores.

Tiago Leifert começa o texto, localizado na página 13 deste trabalho, ressaltando o que já deixou bem claro no título: “Evento esportivo não é lugar de manifestação política”. Como forma de se criar uma argumentação forte, ele cita dois exemplos principais para que o auditório tenha dificuldade em negá-los. O primeiro discute a obrigatoriedade do hino nacional ser tocado antes dos jogos e o segundo diz respeito ao Colin Kaepernick, jogador de futebol americano da NFL que se manifestou contra a discriminação racial nos Estados Unidos e foi punido por isso.

Leifert se mostra incomodado com a execução do hino nacional antes das partidas. O jornalista comenta, logo no primeiro parágrafo, que a canção havia sido tocada em sua totalidade nos jogos da Copa São Paulo de Futebol Júnior, mas o patriotismo não funciona colocando o hino “goela abaixo” nos torcedores.

De fato, a lei nº 13.413, sancionada pelo então presidente Michel Temer, em dezembro de 2016, é uma tentativa de se criar um sentimento nacionalista nos torcedores, afinal ficou determinado que o hino deve ser tocado, de forma integral, na abertura dos eventos esportivos que fazem parte do Sistema Nacional de Desporto (BRASIL, 2016)¹². Isso inclui competições organizadas pelo Comitê Olímpico Brasileiro, Comitê Paraolímpico Brasileiro, pelas entidades nacionais e regionais de administração do desporto, ligas regionais e nacionais e pela Confederação Brasileira de Clubes.

Ainda de acordo com a mesma lei, todos os presentes devem ter uma atitude de respeito diante da solenidade, algo que normalmente não acontece. No futebol, por exemplo, muitos torcedores consideram como algo chato e cantam outros cânticos ao mesmo tempo. Kfoury (2016) destaca que a torcida do Palmeiras repete a expressão “Meu Palmeiras” durante todo o hino.

Além deste primeiro argumento, Tiago Leifert utilizou o exemplo do jogador de futebol americano, Colin Kaepernick, para ressaltar que evento esportivo não é lugar para manifestação política. O jornalista lembrou, de forma resumida, que o atleta se ajoelhava

¹² BRASIL. **Lei nº 13.413, de dezembro de 2016**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13413.htm. Acesso em: 12 nov. 2019.

durante a execução do hino dos Estados Unidos em protesto contra o tratamento dos policiais contra os negros em seu país.

Figura 1 - Kaepernick, ao centro, teve seu gesto repetido por outros jogadores



Fonte: publico.pt

Leifert destacou que Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, ficou “pistola”, assim como outros torcedores conservadores, por acharem uma falta de respeito com o hino. O episódio aconteceu em 2016 e, nos anos seguintes, Kaepernick acabou não conseguindo jogar em mais nenhuma equipe. Dessa forma, o jornalista escreveu: “Independente do que você, leitor, ache, Kaepernick está desempregado. Nenhum time quis esse ‘troublemaker’ no elenco. Como eu estava dizendo, quando esporte e política se misturam...” (LEIFERT, 2018, online).

De acordo com a Nova Retórica, teoria detalhada no capítulo 3 desta monografia, na declaração acima mencionada existe o argumento de autoridade. Isso porque Tiago Leifert desconsidera outros pontos de vista sobre o assunto e minimiza a opinião do leitor. Mesmo sem utilizar uma “palavra de honra” a favor da sua tese, ele faz-se parecer o dono da razão e chega a uma conclusão própria de que não dá certo quando esporte e política se misturam porque nenhuma equipe da NFL contratou o jogador depois do ocorrido.

No mesmo trecho há uma argumentação de vínculo causal, pois o Leifert falou sobre o acontecimento, o desemprego de Kaepernick, e evidenciou/aumentou os efeitos que resultaram deste fato. Niedzieluk (2000, p.7) ressalta que neste tipo de situação, o vínculo em análise “pode ser interpretado de maneiras diferentes – diz-se o fim valoriza os meios, mas nem sempre eles os justifica”. Então, por ter evidenciado os efeitos da atitude de Kaepernick, de

acordo com a sua interpretação sobre o assunto, o jornalista acaba não levando em consideração que o gesto do atleta repercutiu por todo o mundo e que outros jogadores também se ajoelharam. Dessa forma, muitos negros que não possuem visibilidade tiveram os seus direitos representados.

Em apoio ao Kaepernick, no mesmo ano, em 2016, Megan Rapinoe, jogadora de futebol dos Estados Unidos, também se ajoelhou durante a execução do hino em uma partida da sua nação. Na época, segundo Fernandes (2019), ela foi amplamente criticada e a US Soccer, confederação responsável pelas seleções estadunidenses de futebol, proibiu que a atitude fosse repetida. Mesmo assim, Rapinoe continuou buscando maneiras de lutar pelos seus direitos, tornando-se um dos símbolos da comunidade LGBTQI+ e da busca por igualdade nos direitos entre a seleção feminina e masculina dos Estados Unidos, de acordo com Furtado (2019).

Atualmente, Megan Rapinoe não canta e nem coloca a mão no peito durante o hino nacional, como as suas companheiras de seleção fazem, em forma de protesto ao governo de Donald Trump. A atitude gerou polêmicas e repercutiu, até porque a Copa do Mundo de futebol feminina foi disputada em 2019. Kesterlman (2019) ressaltou que a jogadora disse que não iria à Casa Branca em caso de título e o presidente dos Estados Unidos respondeu dizendo que era preciso vencer antes de falar isso. A seleção norte-americana não só conquistou o troféu pela quarta vez na história, como também Rapinoe foi a capitã do time, artilheira com 6 gols e a melhor jogadora do torneio.

Figura 2 - Megan Rapinoe fica em silêncio durante a execução do hino



Fonte: KRQE

Como conta Escudeiro (2019), Rapinoe também foi eleita no prêmio The Best, da FIFA, como a melhor jogadora da temporada. Em seu discurso¹³, ela citou as histórias de Raheem Sterling e Kalidou Koulibaly, jogadores de futebol negros que foram vítimas de racismo; de Sahar Khodayari, iraniana que se disfarçou de homem para poder ir no estádio, mas foi descoberta e sob o risco de ser presa, ateou fogo sob o próprio corpo; e de Collin Martin, único jogador que se declarou abertamente gay na MLS, liga de futebol dos Estados Unidos.

Ainda no discurso, Rapinoe ressaltou que todos precisam ficar indignados com estes casos, não apenas quem está passando pela situação. Ela ainda ressaltou a importância que os jogadores profissionais possuem em representar outras pessoas que não têm tanta visibilidade, destacando a possibilidade que o futebol tem de mudar o mundo para melhor.

Tanto Kaepernick quanto Rapinoe fizeram o que a jogadora pediu em seu discurso: utilizaram do esporte para representar algum grupo. Para isso, aceitaram o risco de sofrerem punições e terem suas carreiras prejudicadas, assim como aconteceu com o atleta de futebol americano.

Tiago Leifert, que atualmente apresenta o Big Brother Brasil, evidenciou o seu ponto de vista sobre a representatividade na edição de 2018 do reality show. Durante o discurso¹⁴ feito na eliminação da participante negra, Nayara, ele disse:

Essa casa, especificamente, está com uma outra “nóia” agora. Agora vocês não são mais vocês mesmo. Agora vocês representam algo. Ah, eu represento a comunidade X. Fulano representa a comunidade Y. Eu represento não sei o que lá. Deixa eu falar a real para vocês: ninguém aqui fora deu procuração para vocês representarem ninguém. Vocês não têm certeza nenhuma aí que esse mesmo grupo que você diz representar hoje, não está votando para você sair. Você não sabe. Como é que vocês vão saber!? (LEIFERT, 2018, n.p.).

Leifert ainda pediu para que os integrantes da casa tirassem o escudo de autodefesa e fossem eles mesmos, porque a representatividade não leva a nada. Nayara saiu do BBB no dia 20 de fevereiro de 2018 e o texto que deu origem a esta monografia foi publicado apenas 6 dias depois. Desta forma, o jornalista demonstra que, para ele, a política é algo a parte e que não se relaciona com questões do dia a dia, pensamento bem diferente do que Aristóteles tinha.

Ramos (2014) fala sobre o filósofo grego e a sua teoria de que o ser humano é um animal político por natureza por conviver em comunidade. Além do mais, tem a capacidade de

¹³ O discurso pode ser lido na íntegra pelo site: <https://trivela.com.br/discurso-megan-rapinoe-the-best-premiacao-fifa/>

¹⁴ Esta parte do discurso foi transcrita pelo autor da monografia. O vídeo completo está disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6519181/>

discursar e utilizar a linguagem com outras pessoas para chegar a fins comuns. Isso o difere de outras espécies que vivem em “sociabilidade”, como as abelhas e as formigas. O homem exprime o útil e o prejudicial, o justo e o injusto e o bem e o mal.

Após ter citado os exemplos sobre a obrigatoriedade de tocar o hino, na primeira parte do texto, e sobre o caso de Kaepernick, na terceira, Tiago Leifert ressalta, no segundo parágrafo, que quando política e esporte se misturam dá ruim. Em seguida, diz que é preciso apenas olhar para os últimos grandes eventos esportivos para chegar nessa conclusão e, por isso, iria poupar os leitores dos detalhes. Por fim, revela sua preocupação por 2018 ser um ano eleitoral.

Com isso, Leifert parece tentar diminuir a quantidade de argumentos utilizados e jogar para o senso comum, como se fosse algo óbvio: basta ver o que aconteceu em outras ocasiões para compreender o seu ponto de vista. Ele não traz nenhum exemplo concreto que possa levar a um debate de opiniões entre os leitores.

Como foi citado no capítulo referente a história do esporte, a realização de grandes competições e os resultados expressivos já foram e ainda são utilizados como uma vitória política para governantes. Nazario (2012) descreve que Adolf Hitler organizou os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, como um grande evento para servir de palco para a propaganda nazista e Tubino (1999) relembra que a disputa entre socialismo e capitalismo também chegou ao esporte como forma de demonstrar a superioridade de um em relação a outro.

Durante o próprio período eleitoral de 2018, muitos atletas manifestaram publicamente o apoio ao Jair Bolsonaro, na época candidato à presidência pelo PSL. De acordo com matéria do “Lance!”¹⁵, as declarações vieram de esportistas das mais variadas modalidades e de diversas formas. Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, Cafu e Edmundo, ex-jogadores de futebol, José Aldo, lutador, e Ana Paula Henkel, ex-jogadora de vôlei, foram alguns dos nomes que postaram mensagens de incentivo nas redes sociais. Felipe Melo, do Palmeiras, chegou a dedicar um gol marcado diante do Bahia ao Bolsonaro e Diego Souza, ainda no São Paulo, comemorou uma bola na rede prestando continência e fazendo um sinal de arma com as mãos.

Já no dia anterior ao primeiro turno, 6 de outubro de 2018, segundo a Veja¹⁶, o Athletico-PR entrou em campo pelo Campeonato Brasileiro, na partida contra o América-MG,

¹⁵ LANCE! **Apoio de esportistas a Bolsonaro continua gerando polêmica.** Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/jogadores-atletas-causam-polemica-declarar-voto-bolsonaro-veja-lista.html>. Acesso em: 13 nov. 2019.

¹⁶ VEJA. **Atlético-PR é multado pelo STJD por manifestação pró-Bolsonaro.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/atletico-pr-e-multado-pelo-stjd-por-manifestacao-pro-bolsonaro/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

com os jogadores vestidos com uma camiseta amarela e os dizeres “Vamos todos juntos por amor ao Brasil”. A atitude gerou muita polêmica e resultou em uma punição de 70 mil reais ao clube. Paulo André, zagueiro do time paranaense, foi o único que não mostrou a blusa. A solução encontrada pelo atleta, declaradamente contra as propostas de Bolsonaro, foi utilizar um agasalho.

Figura 3 - Paulo André usou um agasalho para não exibir a camiseta



Fonte: Veja

Como destaca a Tribuna¹⁷, Paulo André assinou um manifesto contrário as ideias de Bolsonaro. A mesma matéria reproduziu a mensagem postada pelo jogador no Twitter: “Somos diversos. Mas compartilhamos o compromisso com a democracia. #DemocraciaSim”.

Recentemente, em novembro de 2019, a possível presença do Bolsonaro na Vila Belmiro, estádio do Santos, causou a revolta de duas torcidas organizadas do clube. Segundo Perazolli (2019), tanto a “Torcida Jovem” quanto a “Sangue Jovem” emitiram notas oficiais à diretoria mostrando o descontentamento com a situação. Nos comunicados, os torcedores foram enfáticos ao dizerem que o posicionamento ideológico do presidente é diferente do Santos e a visita é um oportunismo e um palanque político, até porque ele torce para o Palmeiras e nunca demonstrou nenhum apreço pelo time santista.

¹⁷ TRIBUNA. **Paulo André assina manifesto a favor da democracia.** Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/esportes/paulo-andre-assina-manifesto-favor-da-democracia/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

Segundo o “Lance!”¹⁸, Bolsonaro foi à Vila Belmiro no clássico contra o São Paulo, pela 33ª rodada do Campeonato Brasileiro, e vestiu a camisa do Santos entre vaias e aplausos, ao lado do presidente do clube, José Carlos Peres. O mesmo já havia acontecido no estádio Mané Garrincha, em Brasília, de acordo com O Globo¹⁹. Bolsonaro foi assistir à partida do Flamengo contra o CSA com o ministro da justiça, Sérgio Moro, e ambos usaram o uniforme do clube carioca.

Casos como esses mostram que os governantes querem estar ao lado das grandes torcidas, como uma manobra populista, e muitos clubes querem recebê-los já pensando em possíveis interesses políticos. Porém, Tiago Leifert, em seu texto, apenas citou as eleições de forma superficial, não desenvolvendo o assunto.

O jornalista ressaltou, no quarto parágrafo, mais uma vez, que evento esportivo não é o local apropriado para manifestações políticas. Ele repete a sua ideia central por diversas vezes ao longo do artigo como uma forma de insistir na presença dos argumentos e em sua amplificação, algo que não é positivo para assegurar o que está sendo dito, de acordo com Perelman e Tyteca. Tiago Leifert também diz que, mesmo olhando para todos os lados, não vê motivos para politizar o esporte. O comentário é uma brecha para a próxima parte, na qual é destacado o ponto de vista dos atletas.

Para Leifert, o jogador defende um clube e o troca por outro que ofereça um salário maior, tendo visibilidade apenas pelo time em que está jogando e por causa do seu desempenho esportivo. Desta forma, o jornalista restringe o atleta apenas a sua performance e ignora o lado humano. Muitos tiveram uma origem humilde e o esporte foi a única forma encontrada para terem uma ascensão social.

Recentemente, o técnico do Bahia, Roger Machado, utilizou justamente da sua visibilidade como treinador de um clube da primeira divisão do Campeonato Brasileiro para expressar a sua opinião sobre o racismo no Brasil. De acordo com Pires (2019), antes da partida contra o Fluminense, pela 25ª rodada, Roger e Marcão, únicos técnicos negros na elite do futebol nacional, utilizaram uma camiseta do Observatório da Discriminação Racial no Futebol²⁰ com a campanha #ChegadePreconceito.

¹⁸ LANCE! **Com misto de vaias e aplausos, Bolsonaro vai à vila para o San-São.** Disponível em: <https://www.lance.com.br/brasileirao/com-misto-vaia-aplausos-bolsonaro-vai-vila-para-san-sao.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

¹⁹ O GLOBO. **Em Brasília, Bolsonaro vai com Moro a estádio em jogo do Flamengo.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/em-brasilia-bolsonaro-vai-com-moro-estadio-em-jogo-do-flamengo-23735769>. Acesso em: 18 nov. 2019.

²⁰ Organização que tem como objetivo monitor e divulgar casos de racismo no futebol, assim como propor campanhas contra o preconceito racial. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/>.

Figura 4 - Roger Machado, à esquerda, e Marcão se cumprimentam antes do início da partida



Fonte: El País

Pires (2019) destaca que entre os 40 times das duas primeiras divisões do Campeonato Brasileiro, apenas Roger Machado, Marcão e Hemerson Maia, do Botafogo-SP, são treinadores negros. Na entrevista coletiva²¹ após o jogo contra o Fluminense, o comandante do Bahia se posicionou sobre o tema:

Não deveria chamar atenção e ter uma repercussão grande dois treinadores negros estarem se enfrentando na área técnica, à medida que a gente tem mais de 50% da população negra e a proporcionalidade que se representa não é igual. Eu acho que a gente tem que refletir e se questionar: se não há preconceito no Brasil, por que que os negros conseguem ter um nível de escolaridade menor que dos brancos!? Por que que a população carcerária 70% dela é negra!? Por que que quem mais morre são os jovens negros no Brasil!? Por que os menores salários entre brancos e negros são para os negros, entre as mulheres brancas e negras, são para as negras!? Por que que entre as mulheres quem mais morre são as mulheres negras!? Há diversos tipos de preconceito. Nas conquistas pelas mulheres, por exemplo, hoje nós vemos mulheres no esporte, como você, né? [em referência a jornalista que fez a pergunta]. Mas quantas mulheres negras têm comentando esporte? (MACHADO, 2019, n.p.).

Durante a resposta, de aproximadamente cinco minutos, Roger também falou sobre o racismo estrutural no Brasil e fez uma contextualização histórica:

Muitas vezes dizem que nós estamos nos vitimando ou que há um racismo reverso. Mas a bem da verdade é que 10 milhões de indivíduos foram

²¹ Transcrição feita pelo autor da monografia. Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=397782944479377>

escravizados, mais de 25 gerações. Isso passou pelo Brasil Colônia, pelo Império e só mascarou no Brasil República. E a gente precisa falar sobre isso, nós precisamos sair da fase da negação. Nós negamos. ‘Não, não fala sobre isso, porque não existe racismo no Brasil’, em cima do mito da democracia racial. Negar e silenciar é confirmar o racismo, e a minha posição que eu ocupo hoje, como negro na elite do futebol brasileiro, é para confirmar isso. O maior preconceito que eu senti não foi de injúria racial, eu sinto que há preconceito quando eu vou no restaurante e só tem eu de negro. Na faculdade que eu fiz, só tinha eu de negro. Isso é a prova para mim. Mas mesmo assim, rapidamente quando a gente fala disso, ainda tentam dizer: ‘não há racismo, tá vendo, você tá aqui!’. Não, eu sou a prova de que há racismo, porque eu estou aqui! (MACHADO, 2019, n.p.).

O vídeo da entrevista rapidamente circulou pelas redes sociais e provocou reflexões. As câmeras e microfones estavam apontadas para o Roger Machado e ele deu uma aula sobre racismo. Após toda a repercussão, o treinador foi entrevistado²² pela Época e, ao ser questionado sobre o papel de um técnico deve ir além do debate sobre as partidas, respondeu:

Tanto dentro como fora de campo, tento influenciar positivamente as pessoas, seja por meio do jogo, de posicionamentos ou condutas. O futebol pode ser uma ferramenta de transformação social e que pode ser alcançada pelo jogo. Não faria sentido nenhum trabalhar num segmento em que você pode ter alcance e atingir apenas um lado. Eu me vejo também como um ativista político dentro do futebol. Muita gente diz que futebol e política não se misturam, mas eu discordo. Viver é fazer política. Se no final do livro da minha vida estivesse escrito: “Esse indivíduo ajudou a construir o esporte, mas acima de tudo ajudou a usá-lo como uma ferramenta de transformação”, eu estaria satisfeito e poderia morrer em paz (MACHADO, 2019, n.p.).

A sociedade precisa de mais pessoas que se manifestem e lutem por direitos iguais, assim como Roger Machado fez no futebol, um ambiente repleto de injúrias raciais. É importante que todos deste meio se unam em campanhas e exijam punições severas das confederações. Existe uma crítica muito grande ao Pelé por isso. Negro, o maior jogador da história destacou-se pela sua performance em campo, mas nunca aproveitou desta visibilidade para se posicionar de forma contundente sobre o racismo.

Já Tiago Leifert, no sexto parágrafo do texto, fala que não acha justo os atletas levarem adiante causas pessoais, pois são pagos para jogar e entreter até mesmo quem vota e pensa diferente. Segundo o jornalista, o local apropriado para fazer manifestações como estas são as redes sociais.

Como já foi mencionado durante esta análise, muitos esportistas utilizam seus perfis

²² A entrevista completa está disponível no link: <https://epoca.globo.com/esportes/sou-um-ativista-politico-dentro-do-futebol-diz-tecnico-do-bahia-24018546>

para se manifestarem politicamente. De acordo com o Globo Esporte²³, em outubro de 2019, dois jogadores de futebol turcos que atuam na Itália, Merih Demiral, zagueiro da Juventus, e Cengiz Ünder, atacante da Roma, usaram o Twitter para se posicionarem a favor da operação em combate aos curdos, no nordeste da Síria, sob o comando de Recep Tayyip Erdogan, presidente da Turquia.

Porém, as mídias sociais, local apontado por Leifert para os jogadores fazerem o que quiserem, não é uma garantia de que não haverá punição. Segundo a “ISTOÉ”²⁴, o turco Cenk Sahin foi demitido pelo St. Pauli, da segunda divisão alemã, por publicar em seu Instagram que apoiava a ofensiva do seu país. O clube alegou que a postagem do atleta desrespeitou os valores da instituição.

Também em outubro deste ano, França e Turquia se enfrentaram pelas Eliminatórias da Eurocopa de 2020 em um clima de tensão por todo esse contexto político envolvido. De acordo com a Carta Capital²⁵, a partida terminou 1 a 1 e os turcos comemoraram o seu gol fazendo o gesto militar de continência em apoio ao Erdogan.

Até por isso, o assunto foi pauta da entrevista com o zagueiro da Juventus e da seleção italiana, Leonardo Bonucci. O Globo Esporte²⁶ reproduziu a sua resposta ao ser perguntado sobre o papel do futebol nesse ambiente de conflitos. Ele disse que não acha certo misturar política e esporte, pois este envolve paixão e diversão, e todos são livres para expressar seus sentimentos, mas não dentro de campo.

A opinião de Bonucci vai ao encontro do que Tiago Leifert escreveu em seu texto. No sétimo e no oitavo parágrafo, o jornalista fala sobre o espaço de diversão que o esporte proporciona e a sensação de desligamento da realidade. Proni (1998) descreve que isso ocorre porque as competições são organizadas por confederações, são transmitidas na mídia, apreciadas no tempo de lazer do espectador e os eventos esportivos são comercializados. Marin

²³ GLOBO ESPORTE. **Jogadores de Roma e Juventus apoiam ofensiva da Turquia contra os curdos e são questionados**. Disponível em:

<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/jogadores-de-roma-e-juventus-apoiam-ofensiva-da-turquia-contra-curdos-e-recebem-reacoes-distintas.ghml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

²⁴ ISTOÉ. **Time alemão demite turco que apoiou ofensiva na Síria**. Disponível em: <https://istoe.com.br/time-alemao-demite-turco-que-apoiou-ofensiva-na-siria/#targetText=Pauli%2C%20clube%20que%20disputa%20a,desrespeitou%20os%20valores%E2%80%9D%20da%20institui%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 18 nov. 2019.

²⁵ CARTA CAPITAL. **Jogadores turcos batem continência para apoiar ofensiva na Síria**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/jogadores-turcos-batem-continencia-para-apoiar-ofensiva-na-siria/>. Acesso: 18 nov. 2019.

²⁶ GLOBO ESPORTE. **Em dia de protesto no Barcelona e jogo da Turquia, Bonucci diz: “não se mistura futebol e política”**. Disponível em:

<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/em-dia-de-protesto-do-barcelona-e-jogo-da-turquia-bonucci-diz-nao-se-mistura-futebol-e-politica.ghml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

(2018, p. 13) cita Gabler (2000) para dizer que “o entretenimento não faz exigência de público, ou seja, engloba a todos e trabalha a serviço dos sentidos e das emoções, para além do intelecto”.

Os argumentos utilizados pelo Tiago Leifert em seu texto caracterizam o esporte como uma forma de relaxamento, comparando-o com uma série do Netflix ou uma novela. O jornalista aponta que quem chega em casa quer apenas algumas horas de distração em frente à televisão. Dessa forma, ele propõe duas situações para o leitor imaginar: ao chegar em casa e abrir uma garrafa de vinho, o mesmo grita “Fora, Temer!”, e o catupiry da pizza vem em forma de letras escrito “Lula preso amanhã”.

Os exemplos dados pelo Leifert podem ser caracterizados como argumentos que fundam a estrutura do real, pois passam de um caso particular para um generalizado. De acordo com Sousa e Malheiro (2019), o uso de vários casos particulares pode ser duvidoso, mas esclarece o enunciado geral: o esporte também funciona como uma forma de distração.

Ainda no oitavo parágrafo, o jornalista descreve que não é justo um jogador “lacrar” na hora de comemorar um gol. Como noticiou o Globo Esporte²⁷, em 2019, nos Estados Unidos, Alejandro Bedoya, jogador de futebol da MLS, aproveitou justamente o momento da comemoração após balançar as redes para deixar um recado no microfone do canal que fazia a transmissão da partida. A atitude foi motivada por dois massacres, no Texas e em Ohio, que, segundo o G1²⁸, causaram 31 mortes e deixaram mais de 50 feridos em um intervalo de aproximadamente 12 horas.

De acordo com Mather (2019), após comemorar com seus companheiros de equipe, Bedoya foi até um microfone que captava o áudio ambiente, abaixou-se para pegá-lo e disse: “Congresso, faça alguma coisa agora. Acabe com a violência armada. Vamos lá!”. Mather (2019) também reproduziu a mensagem que o jogador havia postado no Twitter, antes da partida, cobrando por “verificações mais rigorosas, leis de bandeiras vermelhas, um registro para compra de armas, fechar as brechas para exposição de armas e taxar munição”.

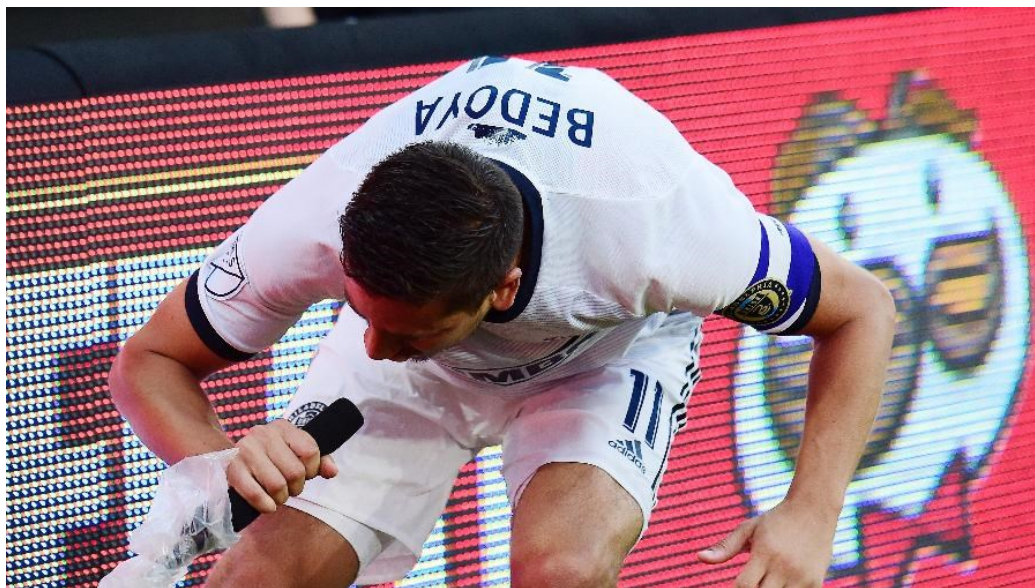
²⁷ GLOBO ESPORTE. **Americano marca na MLS e cobra congresso para tomar medidas após massacres.** Disponível em:

<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/americano-marca-na-mls-e-cobra-congresso-para-tomar-medidas-apos-massacres.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

²⁸ G1. **Tiroteios no Texas e em Ohio: o que se sabe até agora.**

Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/04/tiroteios-no-texas-e-em-ohio-o-que-se-sabe-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Figura 5 - Bedoya pede medidas contra a violência armada



Fonte: UOL

De acordo com Mather (2019), representantes da MLS se reuniram em Nova Iorque e decidiram não punir o jogador pela sua manifestação. O mesmo autor também reproduziu o que a entidade escreveu no Twitter: “A família da Major League Soccer se une a todos no luto pela perda de vidas no Texas e em Ohio, e entendemos que nossos jogadores e funcionários têm pontos de vista fortes e apaixonados sobre esta questão”. Mais uma vez, um esportista aproveitou que as câmeras e microfones estavam apontados para ele e se manifestou socialmente, pedindo por mudanças coletivas.

Tiago Leifert, no último parágrafo, conclui que o esporte é um espaço que ainda temos de diversão e que é necessário deixá-lo em paz, utilizando o Facebook para fazer os textões. Desta forma, fica evidente que há uma prioridade pelo entretenimento em suas relações sociais e profissionais.

Durante todo o texto, o jornalista demonstrou conhecer o auditório para quem se dirige, algo importante na tentativa de convencer os leitores. Ele utilizou de termos como “os caras”, “goela abaixo”, “ficou pistola” e “lacrar”, além de exemplos do cotidiano do leitor para criar uma aproximação.

Os exemplos escolhidos pelo Tiago Leifert são de fácil compreensão e podem se tornar uma verdade absoluta para quem lê. O público, provavelmente, acha chato a obrigação de tocar o hino nacional; também pode achar uma falta de respeito o que o Kaepernick fez; pode concordar que o jogador apenas tem destaque pelo seu desempenho e irá trocar de time por um salário melhor ou ainda dizer que a comemoração de um gol, o momento máximo do

futebol, não pode ser usado como forma de manifestação política.

Quando Leifert escreve sobre o esporte como distração, os leitores também podem se reconhecer no que está escrito. Há uma concepção tradicional de que a pessoa chega em casa cansada, após um longo dia de trabalho, e só quer colocar os pés para cima, assistir TV e tomar uma cerveja, não sendo exigido altos níveis de pensamento.

A utilização das técnicas argumentativas corretas é importante para diminuir o risco das premissas não serem aceitas pelo auditório. Porém, também é preciso levar em consideração que cada leitor possui valores próprios e podem não acreditar no que foi dito ou achar tendencioso.

Os exemplos dados pelo Leifert, ao longo do texto, não propõem uma reflexão mais ampla e um debate sobre o tema, afinal ele apenas destaca e insiste no seu ponto de vista de que esporte e política não devem se misturar. Até por isso, a argumentação utilizada pelo jornalista pode ser caracterizada como pragmática, pois, de acordo com a Nova Retórica, permite-se “extrair do que é considerado como possível consequência, para se poder qualificá-la como boa ou má, verdadeira ou falsa” (DE MARSILLAC, 2014, p.8). O sucesso da consequência determina a efetividade argumentativa.

Segundo Perelman e Tyteca (2005), o argumento pragmático se desenvolve sem grandes dificuldades e não precisa, para ser aceito pelo senso comum, de nenhuma justificção. Já o ponto de vista contrário, cada vez que é defendido, necessita de uma argumentação.

Abaixo serão citados outros casos históricos, em períodos diferentes, tanto no Brasil quanto no mundo, escolhidos pelo autor desta monografia para demonstrar como o esporte e a política se relacionaram ao longo do tempo. Os exemplos auxiliam a contrapor a ideia do Tiago Leifert e mostram como os grandes eventos esportivos foram e ainda são utilizados para manifestações sociais.

6.1. EXEMPLOS HISTÓRICOS

Há 40 anos, no dia 11 de fevereiro de 1979, de acordo com Berté (2018), o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) de São Paulo fez uma parceria com a Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, para que a faixa “Anistia ampla, geral e irrestrita” fosse mostrada em uma partida contra o Santos no Morumbi. O Brasil ainda vivia a Ditadura Militar e quem se opunha ao regime sofria duras punições. O CBA defendia “a liberação dos presos políticos, o reconhecimento dos mortos e desaparecidos, a punição dos torturadores e a volta dos exilados” (BERTÉ, 2018, p. 36).

Peters (2019), em uma reportagem²⁹ para o Esporte Espetacular, da Rede Globo, conta que dois companheiros de profissão, os jornalistas Antônio Carlos Fon e Chico Malfitani, foram os responsáveis por fazerem o protesto no estádio. O pedido era para que todos os brasileiros presos pela Ditadura tivessem sua liberdade decretada e que os exilados voltassem ao país, sem nenhum tipo de exceção.

Figura 6 - Faixa aberta na torcida Gaviões da Fiel



Fonte: Reportagem do Peters – captura de tela do autor³⁰

Em depoimento para a reportagem citada, Chico disse que a faixa foi levada dentro de um tambor de música; Fon recorda que a polícia tentou subir na arquibancada para prender eles, porém a torcida fechou a passagem. Berté (2018) ressalta que a escolha por um estádio de futebol foi justamente para dificultar a chegada dos militares e o reconhecimento dos envolvidos no protesto. Além do mais, a mensagem causou grande repercussão:

O CBA havia recebido um retorno de setores já comprometidos com a luta pela ditadura, porém não tinha como avaliar como o povo recebia a campanha, esse foi um dos objetivos do ato realizado no Estádio do Morumbi. A aliança entre o futebol, as torcidas organizadas e a luta política obteve resultados bastante significativos, uma vez que a bandeira da anistia foi transmitida ao vivo pelas emissoras que cobriam o clássico e, no dia seguinte, o fato apareceu na capa dos principais jornais do país (BERTÉ, 2018, p. 37-38).

²⁹ A reportagem está disponível no link: <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/conheca-a-historia-do-corinthians-x-santos-que-representou-a-luta-contra-a-ditadura.ghtml>.

³⁰ A foto foi tirada por Domicio Pinheiro do Estadão Conteúdo.

Segundo Peters (2019), em agosto do mesmo ano, 1979, o então presidente general João Batista Figueiredo assinou a lei da anistia diante de muita pressão popular. Aproximadamente sete mil exilados voltaram ao Brasil e 800 presos políticos foram soltos. Porém, o decreto também abrangeu o “perdão” aos militares acusados de torturas. Foi o começo do processo de redemocratização no país, com eleições diretas para governador em 82 e presidente em 89.

Ainda de acordo com Peters (2019), a Ditadura perseguia muitos jornalistas, artistas, intelectuais e esportistas, como aconteceu com o atacante do Corinthians, Walter Casagrande. Segundo Martins e Reis (2014), o jogador era um dos líderes da Democracia Corinthiana juntamente com Sócrates, Wladimir, Zé Maria e Zenon. No período entre 1981 e 1985, foram estabelecidas regras menos rígidas no clube paulista e as decisões eram tomadas em consenso, com todos possuindo o poder do voto.

Silva *et al.* (2011) destacam que do roupeiro até o presidente, todos tinham a mesma importância na hora da votação. Era decidido em conjunto como seria a concentração para os jogos, as escalações e as contratações, por exemplo. A atitude democrática transcendeu o futebol e passou para a política de fato, com frases estampadas nos uniformes, como “Dia 15 vote”, em referência a eleição direta para governador estadual em 82, e com alguns jogadores participando de comícios em prol das “Diretas já!”.

Figura 7 - Sócrates com o uniforme do Corinthians “Dia 15 vote”



Fonte: Memória do Sócrates

Peters (2019) conversou com Casagrande, atualmente comentarista de futebol na Rede Globo, sobre esta época. O ex-atacante revelou que os militares ligavam no Corinthians exigindo o fim do período democrático no clube e para que não estampassem frases nos uniformes. Porém, o sociólogo Adilson Monteiro, diretor de futebol, e Waldemar Pires, presidente, apoiavam e incentivavam o movimento.

Casagrande contou, na entrevista, que não tomava cuidado por não ter noção do perigo em que corria. Ele relembrou que, em 1982, teve o carro parado e foi agredido pela polícia após uma partida contra o Santo André pelo campeonato paulista.

Reinaldo, ídolo da história do Atlético Mineiro, era outro jogador que se envolvia em temas políticos. Pires (2018) descreve que o atacante sempre comemorava os seus gols erguendo o braço para cima com os punhos fechados, repetindo o movimento de Tommie Smith e John Carlos, em 1968, saudando os “Panteras Negras”, organização criada para enfrentar a opressão policial em bairros negros dos Estados Unidos.

Figura 8 - Reinaldo durante a comemoração de um gol



Fonte: Arquivo EM

Pires (2018) relembra que Reinaldo, aos 21 anos, foi convocado para a disputa da Copa do Mundo de 1978, na Argentina, e logo em sua estreia, marcou o gol de empate do Brasil contra a Suécia. Antes do embarque para o Mundial, o jogador foi avisado pelo então presidente

Ernesto Geisel que deveria jogar bola e não fazer política, e por André Richer, chefe da delegação brasileira, de que a sua comemoração era vista como revolucionária demais pela Confederação Brasileira de Desportos e pela Ditadura Militar.

Ainda de acordo com Pires (2018), Reinaldo não se intimidou e comemorou da forma como estava acostumado, mesmo com as recomendações no Brasil e o golpe militar em vigência também na Argentina, sob o comando do general Jorge Videla. O atacante repetia o gesto dos Panteras Negras em protesto à Ditadura como uma atitude socialista e por isso enfrentava muitos problemas com os militares.

Na matéria de Pires (2018), Reinaldo revelou que seu posicionamento político o deixou de fora da final do Campeonato Brasileiro de 1978 entre Atlético Mineiro e São Paulo. A Confederação Brasileira de Desportos, comandada por militares, suspendeu o atacante após julgamento de uma expulsão dele no mês anterior.

Reinaldo também contou para Pires (2018) que depois do jogo de estreia na Copa do Mundo da Argentina, ele recebeu um envelope anônimo da Venezuela com informações, em espanhol, sobre a morte do ex-presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek. O jogador percebeu que poderia estar sob os olhares da Operação Condor, uma união entre países sul-americanos que estavam sob Ditadura para perseguirem os opositores.

Ainda de acordo com a mesma reportagem, Reinaldo foi para o banco de reservas após um empate contra a Espanha. Problemas físicos o atrapalhavam, mas o ex-atacante também revela a influência do almirante Heleno Nunes ao pedir, publicamente, mudanças na equipe para a comissão técnica. O treinador da seleção era o capitão do exército, Cláudio Coutinho.

Pires (2018) relembra que o Brasil avançou para a segunda fase da competição e precisava que a Argentina não goleasse o Peru para assim ir para a final. O time anfitrião acabou vencendo esta partida por 6 a 0, com suspeita de suborno aos peruanos e com a presença desestabilizadora do general Jorge Videla antes do apito inicial. Na decisão, a seleção argentina venceu a Holanda por 3 a 1 e comemorou o seu primeiro título de Copa do Mundo.

Por falar no Reinaldo e na sua comemoração referente aos Panteras Negras, Taison, jogador do Shakhtar Donetsk, da Ucrânia, também repetiu o mesmo gesto em uma partida do seu time em outubro de 2019. O país em que atua é conhecido no futebol por ter torcedores racistas e muitos brasileiros são vítimas deste crime.

O próprio Taison, na partida contra o Dynamo Kiev, em novembro de 2019, foi alvo de insultos dos torcedores adversários. De acordo com Stein (2019), no início do segundo tempo, o seu companheiro de equipe e também brasileiro, Dentinho, relatou ao árbitro que

estavam acontecendo injúrias raciais. A informação foi passada para o quarto árbitro e foi pedido, no alto-falante do estádio, que a torcida parasse. Segundo o mesmo autor, cerca de 10 minutos depois, Taison corria em direção ao ataque quando ouviu mais insultos racistas. Então, pegou a bola, chutou em direção à torcida e apontou o dedo do meio para eles.

O árbitro da partida, seguindo um protocolo da UEFA, retirou os times de campo por cinco minutos. Taison e Dentinho foram às lágrimas. Porém, no retorno ao campo, um prêmio para os torcedores: Taison recebeu cartão vermelho pela sua atitude. Após a partida, o jogador brasileiro postou em seu perfil no Instagram³¹:

Amo minha raça, luto pela cor, o que quer que eu faça é por nós, por amor... Jamais irei me calar diante de um ato tão desumano e desprezível! Minhas lágrimas foram de indignação, de repúdio e de impotência, impotência por não poder fazer nada naquele momento! Mas somos ensinados desde muito cedo a sermos fortes e a lutar! Lutar pelos nossos direitos e por igualdade! O meu papel é lutar, bater no peito, erguer a cabeça e seguir lutando sempre! Em uma sociedade racista, não basta não ser racista, precisamos ser antirracista! O futebol precisa de mais respeito, o mundo precisa de mais respeito! Obrigado a todos pelas mensagens de apoio! Seguimos a luta... Net rasizmu” (TAISON, 2019)

Figura 9 - Taison repetindo o gesto dos Panteras Negras



Fonte: Instagram (@taisonfreda7)

³¹ Postagem original disponível em:
https://www.instagram.com/p/B4s0_6uAZsJ/?utm_source=ig_web_copy_link

Depois de citar alguns exemplos envolvendo jogadores brasileiros, torna-se importante também comentar sobre outros casos em que o esporte e a política se misturaram. Em 1995, na África do Sul, de acordo com Cumba (2018), Nelson Mandela utilizou o rúgbi como uma ferramenta para unir negos e brancos, após o apartheid, por uma só causa: torcer pela sua seleção nacional.

O mesmo autor acima citado explica que apartheid foi um período de segregação racial “que retirava os direitos (de posses das terras, de frequentar certos lugares, dos votos e entre outras leis) da população negra que era maioria, em contrapartida, essas normas beneficiava a minoria branca” (CUMBA, 2018, p. 6).

Martins (2011) ressalta a trajetória heroica de Nelson Mandela, desde a sua prisão e exílio, em 1962, até a sua eleição como primeiro presidente negro da África do Sul, em 1994. A autora comenta que Mandela era um estudante de Direito que lutava contra o governo organizando movimentos estudantis e grevistas. Por isso, foi condenado à prisão perpétua por “traição à pátria”.

De acordo com Martins (2011), Nelson Mandela conseguiu a sua liberação, em 1990, graças ao presidente Frederik de Klerk que aboliu o apartheid neste mesmo ano. O período na prisão fez com que Mandela adquirisse qualidades de um grande representante, como a “sabedoria, comedimento, capacidade de perdoar, humildade, astúcia” (MARTINS, 2011, p. 2). Além do mais, a população negra começou a vê-lo como um herói.

Martins (2011) destaca que, em 1993, Nelson Mandela e Frederik de Klerk dividiram o prêmio Nobel da Paz pelos esforços para acabar com o apartheid e, em 94, Mandela, aos 75 anos, foi eleito presidente da África do Sul. Era a primeira eleição pluripartidária e plurirracial na história desta nação, como ressalta Helal e Amaro (2011). A partir de então, o novo líder começa o processo de aproximação racial no país e inicia a busca por apoio político da minoria branca, como conta Martins (2011).

Foi desta forma que o rúgbi serviu como um instrumento de união. O esporte, na África do Sul, promoveu a “integração nacional e a construção de uma identidade coletiva, acima de raças, credos e preconceitos” (HELAL; AMARO, 2011, p.2). Cumba (2018) relembra que a seleção sul-africana desta modalidade estava proibida de jogar competições internacionais devido ao apartheid. Até por isso, Nelson Mandela queria que a Copa do Mundo de rúgbi em 1995 fosse disputada em seu país.

Melo e Albuquerque (2014) são citados por Cumba (2018) para dizer que Mandela se reuniu com o capitão da seleção de rúgbi, François Piennar, para que juntos transformassem

o time em campeão, com todo o público torcendo e apoiando. De acordo com a ESPN³², a Copa do Mundo foi realizada na África do Sul e a equipe anfitriã foi a grande campeã ao vencer a Nova Zelândia por 15 a 12 na final diante de 62 mil torcedores no estádio Ellis Park. O nome da partida foi Joel Stransky, autor de todos os pontos da seleção sul-africana.

Figura 10 - Mandela entregando o troféu para Piennar



Fonte: Yahoo! News

Segundo a mesma matéria da ESPN, a campanha da África do Sul no Mundial de rúgbi foi contada no livro “Conquistando o inimigo”, de John Carlin, e no filme “Invictus”, de Clint Eastwood, com Morgan Freeman no papel de Nelson Mandela. Ambas obras são de 2009.

Falando sobre um caso mais recente, como noticiou o Globo Esporte³³, em 2014, jogadores da NBA vestiram uma camiseta em protesto à decisão do júri de Nova Iorque em não punir um policial acusado de matar um homem negro por sufocamento. Eric Garner, de 43 anos, teria sido morto por supostamente vender cigarros de forma irregular.

³² ESPN. **Há 20 anos, África do Sul vencia final histórica no rugby e ajudava Mandela a virar mito.** Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/521357_ha-20-anos-africa-do-sul-vencia-final-historica-no-rugby-e-ajudava-mandela-a-virar-mito. Acesso em: 19 nov. 2019.

³³ GLOBO ESPORTE. **Com frase em camisa, LeBron e Irving protestam contra justiça de Nova York.** Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/basquete/noticia/2014/12/com-frase-em-camisa-lebron-e-irving-protestam-contra-justica-de-nova-york.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Segundo a mesma matéria, Derrick Rose, Kyrie Irving e LeBron James trajavam, no aquecimento antes da partida começar, uma vestimenta com os dizeres “I can’t breathe” (“Eu não consigo respirar”). Atletas da NFL também se manifestaram contra o assassinato de Garner.

Figura 11 - LeBron James com a camiseta em protesto pela morte de um negro por um policial



Fonte: Globo Esporte

LeBron James também já demonstrou o seu descontentamento com o governo de Donald Trump. Em 2018, o astro dos Los Angeles Lakers foi entrevistado, durante a inauguração da sua escola em Akron, cidade em que nasceu, pelo repórter do canal americano CNN, Don Lemon. Em parte da conversa, reproduzida pelo SporTV³⁴, o jogador declarou que não pode se esconder e não falar nada sobre o fato de Trump usar o esporte para dividir as pessoas.

³⁴ SPORTV. **LeBron James volta a criticar Donald Trump: “usa o esporte para nos dividir”**. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/nba/noticia/lebron-james-volta-a-criticar-donald-trump-usa-o-esporte-para-nos-dividir.ghml>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Segundo o G1³⁵, Trump utilizou do seu perfil no Twitter para rebater as declarações. Ele disse que Don Lemon é o homem mais idiota da televisão e que ele fez o LeBron parecer inteligente, algo que não é fácil de conseguir. O presidente dos Estados Unidos usou desta mesma rede social para se mostrar contrário à atitude dos jogadores da NFL que se ajoelharam na hora do hino nacional, assim como Colin Kaepernick fez. De acordo com o Globo Esporte³⁶, a liga havia determinado, em 2018, que os atletas seriam obrigados a ficarem de pé, mas, após muita pressão popular, a entidade suspendeu a decisão. O mesmo site esportivo reproduziu o que Trump escreveu:

O debate sobre o Hino Nacional na NFL está vivo e aceso novamente - não acredito nisso! Ainda não tem no contrato que os jogadores tenham que ficar de pé, com a mão no coração? O Comissário de US\$ 40 milhões precisa tomar uma atitude. Na primeira vez que ajoelhar, fora por um jogo. Na segunda vez que ajoelhar, fora da temporada, sem pagamento (TRUMP, 2018).

Por falar em Kaepernick, como noticiou o Globo Esporte³⁷, em novembro de 2019 foi realizado um treino aberto para que representantes da NFL pudessem vê-lo em ação para quem sabe o jogador pudesse ser contratado novamente. O treinamento teve seu local e horário alterados de última hora, o que fez com que apenas seis observadores estivessem presentes. Em entrevista, o quarterback³⁸ diz que esteve pronto por três anos, mas foi negado durante o período, e agora está preparado para jogar por qualquer time.

³⁵ G1. **Trump ataca LeBron James após astro do basquete o criticar em entrevista.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/04/trump-ataca-estrela-do-basquete-lebron-james-depois-que-ele-o-criticou-em-entrevista.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2019.

³⁶ GLOBO ESPORTE. **Trump reacende polêmica sobre protestos na NFL durante o hino: “ajoelhou, fora”.** Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol-americano/noticia/trump-reacende-polemica-sobre-protestos-na-nfl-durante-o-hino-ajoelhou-fora.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2019.

³⁷ GLOBO ESPORTE. **Em treino conturbado para tentar volta à NFL, Kaepernick desabafa: “fui negado por três anos”.** Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol-americano/noticia/em-treino-conturbado-para-tentar-volta-a-nfl-kaepernick-desabafa-fui-negado-por-tres-anos.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2019.

³⁸ Quarterback é uma posição do futebol americano responsável por chamar as jogadas, fazer a leitura da defesa e ditar o ritmo ofensivo. Disponível em: <https://www.quintoquartobr.com/nfl/quarterback-a-posicao-mais-importante/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que não faltam são exemplos pela história em que o esporte e a política se relacionaram. Ao longo desta monografia, foram citados alguns episódios, mas, com certeza, do dia da entrega do trabalho até a data da defesa da banca, novos casos terão acontecido.

Viver é estar constantemente fazendo política e, como disse Aristóteles, o ser humano é um “animal político”. Portanto, toda a pesquisa, que envolveu os exemplos e teorias, principalmente a Nova Retórica, foi fundamental para contrapor a ideia do Tiago Leifert e chegar à conclusão de que evento esportivo também é lugar para manifestação política.

O jornalista utilizou de um aglomerado de argumentos que podem ser aceitos pelo público, porém são pragmáticos e superficiais. Além do mais, em nenhum momento houve um debate de opiniões, assim como o assunto pede. A política se faz presença em todos os âmbitos sociais, não apenas em questões eleitorais, mas como também em discussões raciais, de gênero e de classe.

A sociedade é preconceituosa e o esporte é um ambiente repleto de injúrias. No futebol, por exemplo, determinada torcida é chamada de “bambi”; o goleiro adversário, ao bater o tiro de meta, ouve gritos de “bicha” e torcedores ainda imitam sons de macaco para os jogadores. O engajamento político e o sentimento de indignação precisam estar presentes em todos e não há como viver sem se envolver com questões deste tipo.

Imagine se ninguém importasse com o caso do segurança do estádio Mineirão, Fábio Coutinho, que ouviu de um torcedor do Atlético Mineiro: “Olha a sua cor”? Ou ainda se o Taison não chutasse a bola contra a torcida adversária? Tudo continuaria sendo considerado como algo normal. É necessário criar um ambiente mais politizado, com torcedores, atletas e jornalistas unidos contra os casos de desigualdade e exigindo punições severas.

Cada atleta veio de uma região diferente e possui uma história de vida muito particular. Estar vestindo a camisa de um clube é poder ajudar a família e ainda ter a oportunidade de representar o grupo que pertence. Tiago Leifert, ao dizer que evento esportivo não é lugar para manifestação política e que representatividade não leva a nada, parece querer se colocar em uma bolha para não se envolver nessas discussões.

O debate sobre a função dos jornalistas na relação entre esporte e política também seria tema deste trabalho. Duas perguntas foram enviadas pelo Instagram para vários cronistas, porém não houve respostas. Foi questionado se, em suas opiniões, as duas áreas deveriam se misturar e se o assunto deveria ser mais falado pelos atletas e debatido em programas esportivos.

De qualquer forma, a proposta de abordar mais esta visão dos jornalistas pode ser o tema de um próximo trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marco Antônio Sousa. A argumentação filosófica: Chaim Perelman e o auditório universal. Belo Horizonte: 2005, p. 13-188. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ARBZ-7FXHZA/disserta_o_marco_antonio_sousa_alves.pdf?sequence=1. Acesso em: 24 jun. 2019.

ALVES, Marco Antônio Sousa. A Nova Retórica de Chaim Perelman: Considerações sobre a racionalidade, a tensão decisionismo/legalismo, e o Estado Democrático de Direito. Belo Horizonte: 2009, p. 1-14. Disponível em: https://www.academia.edu/867142/A_nova_ret%C3%B3rica_de_Cha%C3%AFm_Perelman_Considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_a_racionalidade_a_tens%C3%A3o_decisionismo_legalismo_e_o_Estado_Democr%C3%A1tico_de_Direito. Acesso em: 18 jun. 2019.

Americano marca na MLS e cobra congresso para tomar medidas após massacres. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/americano-marca-na-mls-e-cobra-congresso-para-tomar-medidas-apos-massacres.ghml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Apoio de esportistas a Bolsonaro continua gerando polêmica. **LANCE!**. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/jogadores-atletas-causam-polemica-declarar-voto-bolsonaro-veja-lista.html>. Acesso em: 13 nov. 2019.

Arsenal confirma que Mkhitarian está fora da final da Liga Europa no Azerbaijão por ser armênio. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/liga-europa/noticia/arsenal-confirma-que-mkhitarian-esta-fora-da-final-da-liga-europa-por-causa-de-conflito-diplomatico.ghml>. Acesso em: 26 maio 2019.

Atlético-PR é multado pelo STJD por manifestação pró-Bolsonaro. **VEJA**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/atletico-pr-e-multado-pelo-stjd-por-manifestacao-pro-bolsonaro/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

AZEVEDO, Tânia Maris de; MILESKE, Ivanete. Argumentação, Teoria da Argumentação na Língua e descrição semântico argumentativa do discurso. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 16, ed. 2, p. 169-184, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275893979_Argumentacao_Teoria_da_Argumentacao_na_Lingua_e_descricao_semantico-argumentativa_do_discurso. Acesso em: 18 set. 2019.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006, 174 p.

BERTÉ, Isabela Lisboa. **Anistia ampla, geral e irrestrita**: Um estudo sobre a relação entre futebol, luta pela anistia e torcidas organizadas. Porto Alegre: Resenhas de arquibancada, 2008, p. 31-40. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ceme/uploads/1527552207-Ludopedio.pdf#page=32>. Acesso em: 14 jun. 2019.

BETTI, Mauro. Cultura corporal e cultura esportiva. São Paulo: **Revista Paulista De Educação Física**, 1993, p. 44-51. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/138756>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. Globo Esporte São Paulo: ousadia e experimentalismo no telejornal esportivo. **Intercom**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Curitiba, p. 1-11, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0543-1.pdf>. Acesso em: 27 maio 2019.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 13.413, de dezembro de 2016**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13413.htm. Acesso em: 12 nov. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão seguido de A influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997, 143 p.

CANAVILHAS, João; GIACOMELLI, Fábio. **O lugar do esporte na rádio**. Mariana: Rádio-leituras, 2015, p. 153-172. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288993793_O_lugar_do_esporte_na_radio. Acesso em: 10 jun. 2019.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2002, p. 5-78.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003, 120 p.

COL, Angelo Alecsandro Dal; BRASIL, Luciana Floriano. Técnicas argumentativas nas propagandas comerciais. São Paulo: **Estudos linguísticos**, 2009, p. 469-480. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_37.pdf. Acesso em: 26 jun. 2019.

Com frase em camisa, LeBron e Irving protestam contra justiça de Nova York. **Globo Esporte**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/basquete/noticia/2014/12/com-frase-em-camisa-lebron-e-irving-protestam-contra-justica-de-nova-york.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Com misto de vaias e aplausos, Bolsonaro vai à vila para o San-São. **LANCE!**. Disponível em: <https://www.lance.com.br/brasileirao/com-misto-vaia-aplausos-bolsonaro-vai-vila-para-san-sao.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

CUMBA, Lula Mário. A estratégia de Nelson Mandela para unificação do povo da África do Sul. São Francisco do Conde: 2018, p. 1-14. Disponível em: http://www.repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/858/1/2018_proj_lcumba.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 44, ed. 1, p. 20-25, 2009. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:VFwYiSLNxbEJ:revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/5648/4116+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22 set. 2019.

Em Brasília, Bolsonaro vai com Moro a estádio em jogo do Flamengo. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/em-brasilia-bolsonaro-vai-com-moro-estadio-em-jogo-do-flamengo-23735769>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Em dia de protesto no Barcelona e jogo da Turquia, Bonucci diz: “não se mistura futebol e política”. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/em-dia-de-protesto-do-barcelona-e-jogo-da-turquia-bonucci-diz-nao-se-mistura-futebol-e-politica.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Em protesto contra racismo, jogador da NFL fica sentado durante o hino. **Globo Esporte**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol-americano/noticia/2016/08/em-protesto-contra-racismo-jogador-da-nfl-fica-sentado-durante-o-hino.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.

Em treino conturbado para tentar volta à NFL, Kaepernick desabafa: “fui negado por três anos”. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol-americano/noticia/em-treino-conturbado-para-tentar-volta-a-nfl-kaepernick-desabafa-fui-negado-por-tres-anos.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ESCUDEIRO, Leo. Veja o potente discurso de Megan Rapinoe, a melhor do mundo, no prêmio Fifa The Best. **Trivela**. Disponível em: <https://trivela.com.br/discurso-megan-rapinoe-the-best-premiacao-fifa/>. Acesso em: 28 out. 2019.

FERNANDES, Mariana. Como Megan Rapinoe foi de nota de rodapé a capa de revista: entre Kaepernick, Trump e o hino nacional. **Observador**. Disponível em: <https://observador.pt/2019/06/26/como-megan-rapinoe-foi-de-nota-de-rodape-a-capade-revista-entre-kaepernick-trump-e-o-hino-nacional/>. Acesso em: 28 out. 2019.

FIDALGO, António. Definição de retórica e cultura grega. **BOCC**. Portugal: 2008, p. 1-13. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/retorica/retorica-cultura-grega.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

FREIRE, Sônia. A teoria da argumentação de Chaim Perelman. **Época**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, IESAE, 1994, 321 p.

FURTADO, Tatiana. As lutas de Megan Rapinoe, dentro e fora de campo. **Época**. Disponível em: <https://epoca.globo.com/esportes/as-lutas-de-megan-rapinoe-dentro-fora-de-campo-23799185>. Acesso em: 28 out. 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dRuzRyEIzmkC&oi=fnd&pg=PA9&dq=pesquisa+explorat%C3%B3ria&ots=92Ue0XipNJ&sig=jejpX6WauWMwuUGAwD93YG83sBE#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 18 set. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas S.A., 2002, 169 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A., 2008, 215 p.

GURGEL, Anderson. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Santa Catarina, ed. 32/33, p. 193-210, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p193/14119>. Acesso em: 16 maio 2019.

Há 20 anos, África do Sul vencia final histórica no rugby e ajudava Mandela a virar mito. **ESPN**. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/521357_ha-20-anos-africa-do-sul-vencia-final-historica-no-rugby-e-ajudava-mandela-a-virar-mito. Acesso em: 19 nov. 2019.

HARTMANN, Érica de Oliveira. **A fundamentação das decisões no processo penal brasileiro e a teoria da argumentação de Chaim Perelman**. Orientador: Prof. Dr. Jacinto Nelson de Miranda Coutinho. 2002. 149 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Direito) - Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2002. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45779/M131.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 out. 2019.

HEATHCOTE, Richard. U.S. wins 2019 FIFA Women's World Cup. **KRQE**. Disponível em: <https://www.krqe.com/gallery/78799/>. Acesso em: 28 out. 2019.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. Construindo a Nação Arco Íris: esporte e identidade nacional em Invictus. **Lumina**: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/download/20896/11270/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 79 p.

Jogadores de Roma e Juventus apoiam ofensiva da Turquia contra os curdos e são questionados. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/jogadores-de-roma-e-juventus-apoiam-ofensiva-da-turquia-contra-curdos-e-recebem-reacoes-distintas.ghml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Jogadores turcos batem continência para apoiar ofensiva na Síria. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/jogadores-turcos-batem-continencia-para-apoiar-ofensiva-na-siria/>. Acesso: 18 nov. 2019.

KERFERD, George Briscoe. **O movimento sofista**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003, 312 p.

KESTERLMAN, Amanda. Vim, falei e venci: eleita a melhor da Copa, Megan Rapinoe eterniza seu futebol e sua voz. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/vim-falei-e-venci-eleita-a-melhor-da-copa-megan-rapinoe-eterniza-seu-futebol-e-a-sua-voz.ghml>. Acesso em: 28 out. 2019.

KFOURI, Juca. Hinos: diante do desrespeito, melhor aboli-los dos estádios. **Blog do Juca**. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2016/11/hinos-diante-do-desrespeito-melhor-aboli-los-dos-estadios/>. Acesso em: 12 nov. 2019.

LeBron James volta a criticar Donald Trump: “usa o esporte para nos dividir”. **SporTV**. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/nba/noticia/lebron-james-volta-a-criticar-donald-trump-usa-o-esporte-para-nos-dividir.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2019.

LEIFERT, Tiago. **A Memória Globo**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/tiago-leifert/trajetoria.htm>. Acesso em: 7 nov. 2019.

LEIFERT, Tiago. **Evento esportivo não é lugar de manifestação política**. Disponível em: <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>. Acesso em: 5 abr. 2019.

LEIFERT, Tiago. **Tiago Leifert explica a brothers que eles representam apenas a si mesmos**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6519181/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

MABANGLO, John. NFL vai multar jogadores que se ajoelhem durante o hino. **Publico**. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/05/23/desporto/noticia/jogadores-da-nfl-vaio-ser-obrigados-a-ouvir-o-hino-nacional-de-pe-1831380>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: Guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Unimarco Editora, 1995. 59 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=2z0A3cc6oUEC&pg=PA13&lpg=PA13&dq=a+revis%C3%A3o+bibliogr%C3%A1fica+ou+revis%C3%A3o+de+literatura+consiste+numa+esp%C3%A9cie+de+varredura+do+que+existe+sobre+um+assunto+e+o+conhecimento+dos+autores+que+tratam+desse+assunto&source=bl&ots=SC4m8hzyII&sig=ACfU3U3QUuWrSE1nQt xkh-UjscNFFTnkgQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjT2_GIz4PmAhWJnFkKHWMIWAQ6AEwAHoECAkQAQ#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 22 set. 2019.

MACHADO, Roger. Roger Machado Técnico do Bahia dando aula sobre racismo. **Quebrando o tabu**. Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/397782944479377/?v=397782944479377>. Acesso em: 25 out. 2019.

MACHADO, Roger. ‘Sou um ativista político dentro do futebol’, diz técnico do Bahia. **Quebrando o tabu**. Disponível em: <https://epoca.globo.com/esportes/sou-um-ativista-politico-dentro-do-futebol-diz-tecnico-do-bahia-24018546>. Acesso em: 28 out. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria; **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2007, 292 p.

MARIN, Elizara Carolina. O espetáculo esportivo no contexto da mundialização do entretenimento midiático. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2008. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/192/199>. Acesso em: 15 nov. 2019.

MARQUES, João Vitor; MATTAR, Tiago. Reinaldo, sobre ditadura militar: ‘Fiquei muito isolado, sofrendo todo tipo de ataque’. **Superesportes**. Disponível em:

https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575665/reinaldo-sobre-ditadura-militar-fiquei-muito-isolado-sofrendo.shtml. Acesso em: 19 nov. 2019.

MARSILLAC, Narbal de. Viragem retórica, viragem pragmática e superação da metafísica. **Aufklärung**: Revista de Filosofia, Paraíba, v. 1, n. 2, p. 165-180, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4715/471547047009.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. O mito Mandela e o sonho de uma nação arco-íris. **RevLet**: Revista Virtual de Letras, Goiás, v. 3, n. 2, p. 86-99, 2011. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/102.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy. Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana. Campinas: **Rev Bras Educ Fís Esporte**, 2014, p. 429-440. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/86661/89652>. Acesso em: 14 jun. 2019.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corinthiana. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 81-101, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/39331/28344>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MATHER, Victor. Bedoya é eleito jogador da semana da MLS enquanto pode ser punido por declarações sobre a violência. **Terra**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/bedoya-e-eleito-jogador-da-semana-da-mls-enquanto-pode-ser-punido-por-declaracoes-sobre-a-violencia,bbfdfe06f917379524fd91ddfd16622jh9qbr7r.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing**: Metodologia, planejamento, execução e análise. 7. ed. atual. [S. l.]: Campus, 2014. 504 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=h5KoBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA9&dq=pesquisa+explorat%C3%B3ria&ots=lz2HCbA2DJ&sig=SrVAJEt6Phy7ZvFK2jVaXBUoV80#v=onepage&q=PESQUISA%20EXPLORAT%C3%93RIA&f=false>. Acesso em: 22 set. 2019.

MCDERMOTT, Patrick. Jogador da MLS cobra congresso americano após atentados no país. **UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/08/05/jogador-da-mls-cobra-congresso-americano-apos-atentados-no-pais.htm>. Acesso em: 18 nov. 2019.

MCINTOSH, P.C. **O Desporto na sociedade**. Lisboa: Prelo, 1975.
Megan Rapinoe, a atacante que quer mudar o mundo. **El País Brasil**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/03/eps/1559588426_373256.html. Acesso em: 28 jun. 2019.

METRÓPOLES. **Meia dos Estados Unidos se recusa a cantar hino americano**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/meia-dos-estados-unidos-se-recusa-a-cantar-hino-americano>. Acesso em: 28 jun. 2019.

MIRAGAYA, Ana. **Educação Olímpica**: O legado de Coubertin no Brasil. Porto Alegre: Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil, UFRGS, 2009, p. 41-51. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43384466/olimpismoEducacaoOlimpica.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DOlimpismo_Educacao_Olimpica.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190625%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=2019. Acesso em: 18 jun. 2019.

Mkhitaryan desfalca Arsenal na final da Liga Europa por medida de segurança. **UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/05/21/mkhitaryan-desfalca-arsenal-na-final-da-liga-europa-por-medida-de-seguranca.htm>. Acesso em: 26 maio 2019.

MULLER, Jean-Pierre. Rugby Union - Mandela inducted into rugby Hall of Fame. **Yahoo**. Disponível em: <https://news.yahoo.com/rugby-union-mandela-inducted-rugby-hall-fame-101434882.html>. Acesso em: 25 nov. 2019.

NAVARRO, Luíze Stoeterau. **A Teoria da Argumentação de Chaim Perelman**. Curitiba: UFPR, 2011, p. 2-23. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=0eeee4beb285c604>. Acesso em: 18 jun. 2019.

NAZARIO, Luiz. O discurso ideológico de Olympia. Belo Horizonte: **Aletria**, 2012, p. 137-149. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/3125/3074>. Acesso em: 14 jun. 2019.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 9 maio 2019.

NEVES, Thalita. Aspectos da história do jornalismo esportivo. **Alcar Sudeste 2018**: V Encontro Sudeste da História da Mídia, Florianópolis, p. 1-15, 2018. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/5o-encontro-2018/gt-historia-do-jornalismo/aspectos-da-historia-do-jornalismo-esportivo/at_download/file. Acesso em: 10 jun. 2019.

NIEDZIELUK, Luzinete Carpin. Resenha do livro Tratado da argumentação - a Nova Retórica. **Working papers em linguística**, Santa Catarina, ed. 4, p. 114-125, 2000. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:n5IoE6EjbBYJ:https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/download/4719/3963+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 13 nov. 2019.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Padrão Globo de jornalismo esportivo**. Porto Alegre: PUCRS, 2010, p. 1-8. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9026/6249>. Acesso em: 27 mai. 2019.

PADEIRO, Carlos Henrique de Souza. **O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro**. Orientador: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Carlos-Padeiro-1.pdf>. Acesso em: 27 maio 2019.

Paulo André assina manifesto a favor da democracia. **Tribuna**. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/esportes/paulo-andre-assina-manifesto-favor-da-democracia/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

PENA, Felipe. **1000 Perguntas Jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Rio-Universidade Estácio de Sá, 2005, 286 p.

PENTEADO, Regina Zanella; GASTALDELLO, Laiane Maria; SILVA, Eliane Caires da. Mudanças no telejornalismo esportivo e os efeitos na expressividade: estudo os recursos vocais e não verbais dos apresentadores no programa Globo Esporte. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, p. 482-492, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/17660/15211>. Acesso em: 5 set. 2019.

PERAZOLLI, Lucas Musetti. Organizadas do Santos repudiam ida de Jair Bolsonaro à Vila Belmiro. **Gazeta Esportiva**. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/santos/organizadas-do-santos-repudiam-ida-de-jair-bolsonaro-a-vila-belmiro/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: A nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, 337 p.

PETERS, Renato. Conheça a história do Corinthians x Santos que representou a luta contra a ditadura. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/conheca-a-historia-do-corinthians-x-santos-que-representou-a-luta-contr-a-ditadura.ghml>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PINHEIRO, Domício. Príncipe da Democracia Corintiana, Sócrates fez o Brasil repensar o futebol. **Memória do Sócrates**. Disponível em: <https://memoriadosocrates.wordpress.com/2011/12/04/principe/>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PIRES, Breiller. Dois únicos técnicos negros do Brasileirão escancaram o racismo: “Negar e silenciar é confirmá-lo”. **El País Brasil**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/13/deportes/1570983578_952565.html. Acesso em: 25 out 2019.

PIRES, Breiller. O dia em que Reinaldo marcou um gol contra a ditadura. **El País Brasil**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/01/deportes/1527862375_020869.html. Acesso em: 7 nov. 2019.

Por ser armênio, meia do Arsenal é cortado de final da Liga Europa. **VEJA**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/por-ser-armenio-meia-do-arsenal-e-cortado-de-final-da-liga-europa/>. Acesso em: 26 maio 2019.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. Campinas: **Conexões**, 1998, 270 p.

RAMOS, Cesar Augusto. **Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v55n129/04.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

REGINATO, Reinaldo. Atlético-PR é multado pelo STJD por manifestação pró-Bolsonaro. **Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/atletico-pr-e-multado-pelo-stjd-por-manifestacao-pro-bolsonaro/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

REZENDE, Wagner Silveira. Três grandes marcos do resgate retórico: Perelman, Toulmin e Meyer. Juiz de Fora: **CSOnline**, 2010, p. 1-35. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17154/8668>. Acesso em: 18 jun. 2019.

RIBEIRO, André. Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: **Terceiro Nome**, 2007, 328 p.

RIBEIRO, Thiago. Dois únicos técnicos negros do Brasileirão escancaram o racismo: “Negar e silenciar é confirmá-lo”. **El País Brasil**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/13/deportes/1570983578_952565.html. Acesso em: 25 out 2019.

SABEDRA, Rafael da Silva. **Uma análise da economia do futebol sob a ótica dos direitos de transmissão no Brasil e na Inglaterra**. Porto Alegre: 2007, p. 13-92. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/168863>. Acesso em: 26 mai. 2019.

SIGOLI, Mário André; ROSE JUNIOR, Dante De. A história do uso político do esporte. Brasília: **Ponto de vista**, 2014, p. 111-119. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/173309/mod_resource/content/1/marquinho%20A%20hist%C3%B3ria%20do%20uso%20pol%C3%ADtico%20do%20esporte%20imprimir.pdf. Acesso em: 26 mai. 2019.

SILVA, Felipe Procópio da; FRONCILLO, Adriano Vicente; ROSSINI, Guilherme Ferreira; PIMENTA, Henrique; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Influência do movimento democrático no Corinthians e os reflexos no futebol e no momento político do Brasil. Revista digital: **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 16, n. 158, 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd158/influencia-do-movimento-democratico-no-corinthians.htm>. Acesso em: 19 nov. 2019.

SILVEIRA, Nathália Ely de. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**. Porto Alegre: 2009, p. 7-75. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2019.

SIQUEIRA, Ethevaldo. **Os anos 90 da Rádio KDKA**. 2010. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/blogs/ethevaldo-siqueira/os-90-anos-da-radio-kdka/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SOUSA, Taize Borges; MALHEIRO, João Manoel da Silva. Análise das técnicas argumentativas da Teoria da Argumentação a partir da aprendizagem baseada em problemas em um curso de férias. Belo Horizonte: **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.**, 2019. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172019000100304&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 jun. 2019.

STEIN, Leandro. Diante das medidas inúteis contra o racismo, Taison e Dentinho se tornam mais duas vítimas do preconceito. **Trivela**. Disponível em: <https://trivela.com.br/diante-das-medidas-inuteis-contr-o-racismo-taison-e-dentinho-se-tornam-mais-duas-vitimas-do-preconceito/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

TAVARES, Diego Silva. **Entretenimento esportivo**: Os conflitos entre informação e entretenimento no jornalismo esportivo. Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga. 2013. 52 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3864/1/DTavares.pdf>. Acesso em: 5 set. 2019.

Time alemão demite turco que apoiou ofensiva na Síria. **ISTOÉ**. Disponível em: <https://istoe.com.br/time-alemao-demite-turco-que-apoiou-ofensiva-na-siria/#targetText=Pauli%2C%20clube%20que%20disputa%20a,desrespeitou%20os%20valor es%20%80%9D%20da%20institui%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Tiroteios no Texas e em Ohio: o que se sabe até agora. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/04/tiroteios-no-texas-e-em-ohio-o-que-se-sabe-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Trump ataca LeBron James após astro do basquete o criticar em entrevista. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/04/trump-ataca-estrela-do-basquete-lebron-james-depois-que-ele-o-criticou-em-entrevista.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Trump reacende polêmica sobre protestos na NFL durante o hino: “ajoelhou, fora”. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol-americano/noticia/trump-reacende-polemica-sobre-protestos-na-nfl-durante-o-hino-ajoelhou-fora.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2019.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte**. 1ª reimpressão. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999. 276 p. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/o-que-e-esporte-manoel-tubino/4765670/>. Acesso em: 26 maio 2019.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando; TUBINO, Fábio. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007, 992 p.

TUBINO, Manoel. Estudos brasileiros sobre o esporte: Ênfase no esporte-educação. Maringá: **Eduem**, 2010, 165 p.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. Rio de Janeiro: **SOCERJ**, 2007, p.383-386.